

Sandra Pina

O HOMEM ESTRANHO DA CASA AO LADO



MELHORAMENTOS

O HOMEM ESTRANHO DA CASA AO LADO



Sandra Pina

Ilustrações de Leandro Marcondes



Sumário

Apresentação

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

Notas

Créditos

APRESENTAÇÃO

Mistérios que despertam

Vizinha à casa de Nanda, havia uma outra, melancólica, vazia fazia anos. Era conhecida como “a casa abandonada”. Certa manhã, surpreendentemente, veem-se trabalhadores consertando, arrumando, enfim, restaurando-a para que readquirisse a aparência que tivera no passado. E já se sabe quem vai morar ali. Hermano, o antigo proprietário, está de volta. Trata-se de um homem assombrado por suas lembranças e mágoas. O que somente aos poucos vai ser revelado é que aquela casa esteve na verdade, todo esse tempo, habitada. Não por pessoas, mas por dolorosos segredos, que despertam junto com a casa.

É com esse enredo hábil e cativante que Sandra Pina começa a montar um paralelo da sua história com *Encarnação*, último romance de José de Alencar, publicado após a morte do escritor. Um paralelo que joga com o nome e o papel desempenhado pelos personagens alencarianos.

Em *Encarnação*, Hermano, um homem abastado, casa-se com Julieta, a filha de um coronel aposentado. Apaixonados, vivendo uma invejável história de amor, tudo se desfaz quando Julieta morre por causa de um aborto. Ocorre que Julieta e Hermano haviam feito um pacto de amor eterno, que o marido está decidido obsessivamente a cumprir. A morte, portanto, não os separa; pelo contrário, Hermano se fecha num mundo sombrio, dedicado quase exclusivamente a manter, pelo menos em seus devaneios, a presença de Julieta em sua existência. A casa se transforma num museu à memória da esposa. Ou, talvez, num mausoléu, encerrando a lembrança de uma morta e as memórias de um homem que rejeita a vida.

E é nesse ponto que começa a tomar corpo, no romance de Alencar, o personagem vivido por Amália – com o mesmo nome da mãe de Nanda, da história de Sandra Pina. Em seus *perfis de mulher* – como *Lucíola*, *Senhora* e outros –, Alencar destacou a força de caráter, a garra

de personagens femininos, protagonistas de suas histórias, numa sociedade que reconhecia exclusivamente, em vários aspectos, inclusive legais e institucionais, a autoridade do homem. A mulher, considerada frágil intelectual e moralmente, deveria receber sempre a tutela masculina, passando do pai ao marido. A contundência da denúncia dessa situação é um dos toques de genialidade e originalidade de Alencar, que o fazem ultrapassar os limites do Romantismo e antecipar tendências que mais tarde se instalariam na literatura brasileira – e não é à toa que Machado de Assis manifestou tanta consideração e reconhecimento pela obra de Alencar.

No espírito de uma Aurélia Camargo, de *Senhora*, a Amália, de Alencar, é uma rebelde, que se insurge contra Hermano, principalmente contra sua obsessão. Com a força de seu amor, e apesar de turbulências que por pouco não desembocam em tragédia, Amália faz Hermano “renascer para a felicidade”. Do mesmo modo, a Amália, mãe de Nanda, coloca-se em relação ao Hermano, seu vizinho e antigo namorado, como uma possibilidade de enfrentar a verdade sobre o desaparecimento de sua mulher, Júlia, anos antes, e de retomar sua vida.

Como em muitas obras do Romantismo, o passado para alguns é um fantasma que domina o presente. O Hermano alencariano é um leitor de *Spirite*, novela de Théophile Gautier^{*}, considerado por Baudelaire e outros escritores do Romantismo um modelo estético e filosófico de seu tempo. Em *Spirite*, o viúvo preserva numa alcova a figura de cera de sua falecida esposa. Em *Encarnação*, o Hermano alencariano dispõe-se ao suicídio para manter o pacto de amor eterno com sua mulher – e é salvo por Amália.

E aqui deve ser ressaltado outro paralelo entre a novela contemporânea de Sandra Pina e o romance de Alencar. Em ambos, os protagonistas masculinos (os dois Hermanos) gravitam em torno da morte, até porque estão insanamente atados ao passado – e talvez empenhados em não deixar o tempo fluir. Já as protagonistas femininas (as duas Amálias e, na novela contemporânea, com garra, a

jovem Nanda) representam, natural e afetivamente, a esperança, a vida, o futuro. Representam a renovação. O renascimento.

Não pode ter sido coincidência que Alencar, que escreveu histórias sobre vários aspectos cruciais da formação da identidade brasileira, tenha dotado seus romances urbanos de personagens femininas decisivas no encaminhamento dos enredos. E não é à toa que Sandra Pina captou de modo marcante essa referência.

Na amorosa atualização de Sandra à *Encarnação*, há ainda outro importante aspecto a se ressaltar. A obra de Alencar não nos traz somente um mistério a ser desvendado, mas uma sequência de enigmas, que, à medida que vão sendo desfeitos, nos contam a história. Sandra Pina valeu-se de uma técnica semelhante, uma espécie de mosaico de mistérios, num encadeamento que mantém o seu leitor intrigado e atento às peripécias, sabendo de antemão que serão sempre significativas, que nos dirão algo a respeito de quem são os personagens e, principalmente, sobre o que do seu passado continua assombrando as ações da história.

Trata-se, sem dúvida, de um recurso folhetinesco, também próprio do Romantismo, e mais ainda de um José de Alencar.

Em *O Homem Estranho da Casa ao Lado*, o jogo de enigmas começa pelo título. E avança principalmente graças ao desempenho de Nanda (de sua tenacidade), que ao mesmo tempo se debate com a dificuldade do vocabulário do livro e se encanta com a história. A ponto de viver intimamente o conflito de seus personagens e estendê-los para sua própria vida.

É essa identificação que nos mostra que um clássico, acima e além das dificuldades de leitura por um jovem de hoje, mantém sua vitalidade e sua capacidade de sedução. Há valores e experiências humanas que não se perdem com o tempo. Nanda, com toda a sua vivacidade, sente isso; ela é fundamental para que se revelem os dilemas de Hermano. Além disso, é suscetível ao drama alencariano, que a emociona e a leva a entender um pouco melhor o outro drama, aquele que ressurgiu, como um mistério assombrado da casa ao lado.

Luiz Antonio Aguiar

*Seria um pressentimento?
Creio eu que não era senão uma antítese natural da
imaginação com o espírito.*

*José de Alencar,
Encarnação, 1877*

Não acreditei quando, chegando do colégio, vi aquela movimentação toda na casa abandonada! A van enorme, com o logotipo de uma firma de limpeza, parada em frente ao portão. Todas as janelas e portas abertas. Um jardineiro cortando a grama, quer dizer, o matagal do jardim; dois homens limpando a piscina; e gente entrando com material de limpeza – vassouras e coisas desse tipo – e saindo com sacos e mais sacos cheios de lixo.

Nem lembro direito quando foi a última vez que vi alguma daquelas janelas aberta. Deve ter sido lá pelos meus sete ou oito anos, eu acho. Mas não me recordo dos moradores da casa. Sei que não tinham crianças, e lembro bem disso porque eu reclamava que só encontrava meus amigos na pracinha e que a gente morava justamente numa parte do condomínio onde só havia adultos.

De um lado, a dona Dora e o dr. Armando, cujos filhos são muito mais velhos do que eu, já estão até casados e com filhos; e do outro, a casa que, depois, ficou conhecida como a casa abandonada.

Mas hoje foi como se ela tivesse acordado de um sono longo e profundo. Fiquei um tempo parada no portão da minha própria casa observando toda aquela movimentação. Parecia que ela estava sendo alimentada. Era como se as janelas fossem olhos se abrindo para a claridade de um novo dia. Sei lá... Pode parecer até meio piegas da minha parte falar assim, mas foi essa sensação que tive ao ver aquela cena, simplesmente, inacreditável.



De repente, senti o cheirinho do feijão temperado da Arlete e me lembrei de que estava morrendo de fome durante todo o caminho de volta da escola. A barriga roncou e meu estômago falou mais alto. Afinal, o almoço já devia estar quase pronto e me esperando.

Entrei correndo, larguei a mochila na sala, passei pela cozinha e dei um beijinho na Arlete. Parei em frente ao fogão para sentir o cheirinho do feijão.

- Cadê minha mãe? - Perguntei por perguntar, porque eu sabia a resposta e fui direto para o ateliê, que ficava num puxadinho, como diz meu avô, no fundo do quintal.

- Hora do almoço, dona Amália! - Cheguei abraçando minha mãe por trás.

- Já chegou, filhota?

- Você sabe que horas são, mãe?

- Nem vi o tempo passar, filha. Tenho tantas peças pra terminar ainda. Isso sem falar naquelas que eu nem comecei. - Ela desligou o torno, ficou em pé e foi em direção ao tanquinho que tem no ateliê para lavar o barro das mãos. - Dá pra notar que estou trabalhando no torno desde a hora em que você saiu pra escola?

Ela realmente não precisava dizer isso, bastava olhar em volta e ver as peças em cima da bancada, esperando para entrarem todas juntas no forno.

Minha mãe é uma pessoa assim: mergulha no trabalho e, se não sou eu a chamar para almoçar ou lanche, esquece que precisa comer. Sinceramente não sei como consegue. Se é comigo e passa da hora de alguma refeição, já fico com dor de cabeça, moleza, não consigo nem pensar direito. Mas ela, em especial se estiver enclausurada naquele ateliê, é capaz de passar o dia inteiro só tomando água de coco, café ou chá de limão, dependendo do dia e de seu estado de espírito.

Mas de uma coisa eu não posso reclamar: sempre que chego do colégio, ela para o que estiver fazendo para vir almoçar comigo. E não é só a comida que importa. É como se aquela horinha ali, sentadas à mesa da copa, fosse o nosso momento. É quando a gente conversa, ri,

conta uma para a outra como está sendo o dia, o que aconteceu pela manhã, como esperamos que seja a tarde. Não quero dizer que a gente não converse em outros horários. Não é isso. Só que esse tempo é meio sagrado.

Enquanto atravessávamos o quintal em direção à copa, minha mãe estranhou o barulho que vinha do outro lado do muro.

– Você só ouviu isso agora, mãe?

– Por quê? Há quanto tempo está essa barulheira aí ao lado?

– Pela movimentação que eu vi do portão quando cheguei, a equipe de limpeza deve estar lá desde cedo. – Ri. – Provavelmente chegaram logo depois que saí pro colégio.

– Hum... – Ela parou por alguns segundos. – Será que finalmente o Hermano decidiu vender a casa? Isso seria ótimo! Apesar da tranquilidade que temos com ela vazia, há também a sensação de solidão e de insegurança.

– Mas, mãe, a gente mora num condomínio fechado com toda a segurança do mundo! Que diferença faz uma casa eternamente fechada?

– Ah, faz toda a diferença, filhota. Uma casa assim, sem vida, dá uma sensação mórbida, triste, de vazio... – O olhar dela vagou pelo ambiente, meio perdido. E, de repente, ela deu um sorriso, como quem está saindo de um transe. – Isso sem falar, é claro, de todo tipo de inseto e de outros bichinhos que fazem a festa num lugar assim e que podem aproveitar para invadir a nossa casinha aqui.

Almoçamos. A comida estava uma delícia! Feijão-preto, arroz branquinho, farofa, franguinho grelhado e salada com tudo a que temos direito, e, para ficar mais perfeito ainda, Arlete tinha feito doce de abóbora com coco, meu predileto.

Enquanto saboreava meu doce, esparramado em cima de uma bela fatia de queijo de minas, olhei para a estante do corredor e me lembrei:

– Mãe, acredita que vou ter que ler um livro do José de Alencar pra escola?

- *Iracema*? - ela perguntou.

- Não! Claro que não! É um tal de *Encarnação*. Conhece?

- Hum... assim, pelo título, eu não lembro muito bem, não, mas tenho certeza de que já li. - Olhou também para a estante. - Mas você está vendo aquela coleção de capa de couro verde-escura? - Apontou para alguns livros. - Os volumes dela têm as obras completas de José de Alencar. Com certeza você vai encontrar essa história num deles.

- Jura que vou ter que ler as letrinhas minúsculas, no papel fininho daqueles livros?

- Se quiser, também pode procurar em alguma livraria, ou mesmo num sebo, mas, se tiver aqui, vai gastar dinheiro pra quê?

Ela tinha razão. E eu bem sabia o quanto minha mãe trabalhava duro para sustentar a casa e comprar tudo de que precisávamos.

Acabei o meu doce, coloquei o pratinho na bancada da pia e, enquanto esperava o chá ficar pronto, fui procurar o tal livro na estante.

02

Encontrei o livro dentro de um dos volumes das obras completas do José de Alencar. Se eu já achava que não iria ser fácil ler naquele volume todo delicado da coleção que minha mãe cuidava com tanto carinho, porque tinha sido do meu pai, tive certeza só de dar uma olhada por alto na primeira página da história.

Seja sincero comigo: o que se pode esperar de um livro em que, já na primeira página, você encontra três palavras que nunca viu na vida?! Algum dia ouviu falar em *rorejar*? E em *volata*? E *enlevo*?

Minha mãe deu um gole no chá que acabara de fazer, tentando esconder o riso.

- Se você tiver um pouco de paciência, vai gostar da história - comentou.

- Acho difícil, muito difícil. Não sei nem se consigo passar da segunda página - confessei.

- Se for a história que eu estou pensando, tenho certeza de que vai gostar. Você adora um bom livro de suspense.

- Tem dó, né, mãe! José de Alencar? Suspense?

- Confie em mim. Além disso, acho que foi por causa dessa história que fui batizada com o meu nome.

Ela disse isso, colocou a xícara na bancada da pia, me deu um beijo na testa e voltou para o ateliê.

Não pensei duas vezes: corri pro meu quarto, liguei o computador e fui procurar na internet um bom resumo do livro. Sempre tem um. Até porque, quem consegue ler, nos dias de hoje, um livro que começa assim:



Conheci outrora uma família que morava em São Clemente.

Havia em sua casa agradáveis reuniões de que fazia os encantos uma filha, bonita moça de dezoito anos, corada como a aurora e loura como o sol.

Amália seduzia especialmente pela graça radiante e pela viçosa e ingênua alegria, que manava dos lábios vermelhos como dos olhos de topázio, e lhe rorejava a lúcida beleza ¹.

Pode até ser que na época em que foi escrito tenha sido o máximo, mas hoje... ninguém fala assim, ninguém escreve assim. Nem sei se encontro essas palavras todas no dicionário! E, é claro, não estou com a menor vontade de ler um livro inteiro tendo que consultar o dicionário a cada parágrafo. Tenha a santa paciência!

Tudo bem que a personagem principal tem o mesmo nome que a minha mãe, mas poderia ter outro qualquer, seria chato do mesmo jeito.

Li uns dois ou três resumos diferentes do livro na internet e descobri que dona Amália tinha razão: todos descreviam um livro de suspense, mas eu estava convicta de que não conseguiria me concentrar numa história escrita de uma forma tão antiquada. Tão fora do meu tempo.

Naveguei mais um pouco pela internet. Deixei alguns recadinhos para amigos nas redes sociais, dei uma olhada nos sites de notícias, fiquei conversando on-line com a Tati durante um tempão.

Estava totalmente imersa no mundo virtual, quando ouvi vozes vindas da casa ao lado. Fui até a varanda do meu quarto. De lá, dá pra ver o jardim do vizinho. Até então, onde só se via mato, hoje, além do jardineiro e dos caras limpando a piscina, um homem de terno e gravata dava ordens e conferia se tudo estava sendo feito como deveria.

– A casa tem que estar um brinco quando ele chegar. – O homem de terno parecia estar coordenando aquele batalhão de limpeza.

Quem será que ia chegar? Fiquei me perguntando. Seria uma família? Não! O homem de terno falou “ele” e não “eles”. E se esse “ele”

fosse um chato de galochas? Um cara insuportável que ia viver implicando com tudo e com todos? Mas ele também podia ser um cara legal, cheio de amigos, animado... Podia até ser um artista famoso de televisão que havia escolhido a privacidade daqui do condomínio. Quantas possibilidades!

Não sei quanto tempo fiquei na varanda espiando a movimentação da casa e inventando mil e uma histórias sobre o novo morador que estava para chegar. E tudo o que eu sabia é que era um “ele”.

03

Quando entramos em sala para a primeira aula daquela segunda-feira, a Tati me cutucou. Acho que eu estava ainda meio sonolenta, porque não entendi o que ela estava me mostrando daquele jeito tão discreto-Tati-de-ser.

- Ali, bem no meio da fileira encostada na janela, Nanda!

Ela só faltou apontar para o aluno novo, com um corte de cabelo esquisito, uma tatuagem no braço que não dava para identificar o desenho a distância, e vestido de preto da cabeça aos pés.

Não era preciso ser nenhum gênio de análise comportamental para perceber o quanto o garoto estava se sentindo desconfortável naquele lugar. O que, é claro, ficava ainda mais constrangedor com todo mundo da turma lançando olhares curiosos para o menino e claramente especulando quem seria o novo *coleguinha* de sala.

Fato era que o Nuno – a gente ficou sabendo o nome dele quando o professor de Geografia apresentou o aluno recém-chegado – não era, nem de longe, igual ao restante de nós. Olhava diferente. Se vestia diferente. Parecia, até mesmo, pensar diferente. Acho que ele, inclusive, falava diferente, mas isso não deu pra ter certeza, porque ele não abriu a boca em momento algum durante toda a aula. Nem durante nenhuma das aulas seguintes e, muito menos, nos intervalos.

Na hora da saída, tentei ver pra que lado da rua ele ia seguir, quem sabe não era para o mesmo que eu? Não deu tempo. O Nuno parecia ser filho do *The Flash*, de tão rápido que desapareceu pelos corredores da escola.

Fui para casa com a imagem daquele perfeito estranho na cabeça. Não que fosse o cara mais bonito que eu já tinha visto. Nada disso. Mas tenho que confessar que aquela aura de mistério e segredos me atraiu. Quer dizer, me deixou extremamente curiosa.

Os dias foram passando e, por mais que eu tentasse, não conseguia descobrir absolutamente nada sobre o Nuno. Nem eu, nem ninguém na

turma era capaz de se aproximar dele. Ninguém jamais tinha ouvido a voz daquele garoto. Não sabíamos de onde era, ou por que havia entrado no colégio no meio do ano letivo.

- Será que ele presenciou algum crime, ou dedurou um traficante poderoso e foi colocado num programa de proteção à testemunha, Nanda?

- Ai, Tati, você anda vendo filme policial demais! Vai ver o garoto só é tímido mesmo. Isso sem falar que caiu de paraquedas no meio do ano, numa turma que se conhece há séculos. Qualquer um teria problemas pra se enturmar. Até eu!

- Não, Nanda. Isso não. Eu consigo imaginar a timidez. Até a dificuldade de entrar numa turma que já tá pra lá de formada. Mas o garoto assiste às aulas com a gente há mais de um mês, e até agora não sabemos sequer como é a voz dele!

- Quem sabe ele é mudo?

- Com celular no bolso, Nanda? Anota o que eu tô dizendo, tem alguma coisa muitíssimo errada com esse menino.

A gente vinha conversando no corredor, como sempre, e nem vimos que o Nuno estava bem atrás de nós. Só percebemos quando ele andou mais rápido e passou a nossa frente. Será que a Tati tinha razão?

04

Eu até havia me esquecido do faxinão geral que a casa vazia tinha recebido. E acho que não me lembraria tão cedo do fato, não fosse a quantidade de malas que estavam sendo retiradas de uma caminhonete parada em frente ao portão.

Dois homens levavam as malas para dentro. Um deles era o engravatado que eu tinha visto dias antes. O outro, alto, moreno, com jeito de atleta, me parecia um pouco familiar, mas não tinha a menor ideia de onde já o tinha visto.

Minha mãe não estava em casa quando cheguei. Coisa rara. Os poucos horários em que dava aulas na faculdade de Belas Artes coincidiam com os meus da escola.

– Sua mãe saiu pra entregar umas peças pra aquela moça que vende pros gringos – explicou Arlete.

Ela estava falando da Elvira, amiga de longa data que exporta peças especiais de alguns artistas plásticos, e que é a maior vendedora das obras da minha mãe.

Fiquei um pouco triste em almoçar sozinha. Parece até que a comida não tem o mesmo sabor, não fica tão gostosa, entende? Fica faltando aquele tempero de conversa. Não gosto quando isso acontece, mas não posso reclamar. É uma coisa bem rara, e sei também o quanto dona Amália sente falta desse nosso momento especial.

Terminei minha refeição em silêncio e rápido, e subi para o meu quarto. Em cima da cama, encontrei o livro de capa de couro verde, com um bilhetinho:

Fernanda, querida,

Acho que você esqueceu esse livro na estante, e eu não sei qual é o prazo que tem para terminar a leitura. Só quero que tenha em mente que, por melhor que seja o resumo postado na internet, ele não chegará nem aos pés da experiência de leitura da história completa. Então, aproveite.

*Devo chegar no final da tarde.
Beijos,*

Mamãe.

Tem horas que eu, realmente, acho que minha mãe me conhece melhor do que eu mesma! Tentei ser o mais discreta possível, não deixando ela ver que eu estava procurando o resumo na internet. O prazo da leitura até já passou e ela nem sabe! O problema agora é que, se eu não ler pelo menos uma parte do livro, dona Amália também vai saber e ficar no meu pé, porque *nada se compara à leitura da história original*, como ela vive dizendo quando defende que eu preciso ler mais, etc. e tal.

Então que seja!

Abri o livro e recomecei da primeira página. Aquela com um monte de palavras que eu desconhecia. Me dei até ao trabalho de procurá-las no dicionário para tentar, pelo menos, entender o início da história. Confesso que procurei só as primeiras, até porque parar a leitura o tempo todo para abrir dicionário é muito chato. Mas fui descobrindo que dava para entender o significado das palavras dentro do contexto da história.

Consegui terminar o primeiro capítulo. Não foi tão doloroso assim. Difícil, mas não doloroso. Sabe, gostei dessa personagem, a Amália. Minhas primeiras impressões foram muito boas. Uma garota daquela época que não estava doida para casar e que gostava mesmo era de uma boa balada. Sim, porque entendi que, quando ele diz que ela vivia no salão, era festa, né? Ou não? Hum... essa é uma boa pergunta a fazer a minha mãe. Assim ela vai ficar orgulhosa de ver que estou lendo o livro. Mesmo.



Era feliz; não compreendia, portanto, a vantagem de ligar-se para sempre a um estranho, no qual podia encontrar um insípido companheiro, se não fosse um tirano doméstico. (...)

Amália vivia no salão; só o deixava para repousar. Seu dia era a noite com os lustres por astros. Quando em toda a cidade não havia divertimento algum que a atraísse, ela passava a noite em casa; mas com o seu piano, o seu contentamento e a sua graça improvisava uma festa².

Eu mal tinha começado a ler o segundo capítulo do livro, quando ouvi barulhos e vozes vindos do jardim da casa ao lado. É claro que não resisti e corri para a varanda. Levei o livro porque, se ficasse descarado demais que eu tinha sido atraída pela conversa alheia, era só fingir que estava lendo e prestar atenção no que eles conversavam.

- Ficou muito bom mesmo, Henrique - disse um deles. - Praticamente igual ao que era antes.

- Que bom que você gostou, Hermano. Na verdade, tudo o que eu fiz foi mandar fazer uma grande faxina, porque a casa estava cheia de teias de aranha e muita poeira, pois estava fechada havia muito tempo. Fora isso, mostrei algumas fotos antigas ao jardineiro e lhe pedi que deixasse o jardim o mais parecido possível.

- Muito bom trabalho, meu irmão.

Hermano, ele tinha dito. Acho que foi esse o nome que minha mãe falou no dia em que a grande faxina começou. É claro que ela ainda durou mais de uma semana. Eu imagino como aquela casa devia estar suja! Se aqui, com a Arlete vindo três vezes por semana, fica tudo cheio de poeira, lá deveria estar mil vezes pior.

Será que era esse tal Hermano quem morava ali antes de a casa ficar fechada por tanto tempo? Sinceramente, não lembro. Nadinha.

Dei uma olhada discreta e fiquei surpresa em ver como o jardim estava bonito, todo florido. Até o banco de madeira tinha sido pintado e parecia novinho em folha!



05

– Fernanda! Cheguei!

– Tô no quarto, mãe! – avisei estrategicamente, para que ela me visse com o livro nas mãos.

Mas ela apenas olhou. Não disse uma palavra. Bem que podia ter dito algo como “Que bom, filha, que você está lendo o livro!”. Não. Nem um “muito bem”. Nada.

Sentou na poltroninha do meu quarto que fica perto da varanda e começou a falar sem parar.

– Nanda, você não acredita quem eu encontrei aqui em frente! O Henrique! Fazia tempo que eu não via o Henrique. – Ela deu uma paradinha, como quem está fazendo contas de cabeça. – Acho que uns bons oito anos! É, isso mesmo. Logo depois que o Hermano saiu da casa. O Henrique ainda veio aqui umas três ou quatro vezes buscar contas e arejar a casa, mas isso foi nos primeiros meses. Então...

– Mãe! – Precisei interromper aquela falação toda.

– O que foi, filha? – Ela se assustou.

– Você se incomodaria de me dizer QUEM é esse tal de Henrique? Você tá falando nele com tanta empolgação, como se eu conhecesse ele desde pequenininha.

– E conhece.

– Mas eu não tenho a menor ideia de quem é.

Ela ficou me olhando, mas sem me ver. Sabe como é isso? Então respirou fundo.

– Você tem razão. Não há como se lembrar dele. Vamos fazer uma coisa. Termina o capítulo aí do seu livro, enquanto eu troco de roupa e faço um chá com torradas pra nós duas. E então eu explico quem é o Henrique e por que eu fiquei tão animada em me encontrar com ele, pode ser?

Dei de ombros. Mesmo que eu dissesse que não, era isso o que ela iria fazer. Minha mãe é a pessoa mais legal que eu conheço. Minhas amigas vivem dizendo que adorariam ter uma mãe como a minha, mas se tem uma coisa que não adianta é dizer não, principalmente quando ela propõe que a gente faça alguma coisa e termina a frase com “pode ser?”. Tem que poder, né?

Dei uma olhadinha para ver quanto ainda faltava para terminar o capítulo. Uns três parágrafos. E contava a história de um amor eterno. Nada a ver com a personagem principal. Era como se fosse outra história dentro da história que estava sendo contada no capítulo um.



- Meu marido há de pertencer-me de corpo e alma, como eu a ele, e para sempre. É assim que entendo o casamento.

- Penso da mesma maneira.

- Para sempre é eternamente ³.

Fiquei com vontade de ler mais um pouco, mas minha mãe já tinha avisado, lá da copa, que nosso chazinho com torradas estava pronto e iria esfriar se eu não descesse logo.

Coloquei o marcador na página. Fechei o livro. Desci.

06

Enquanto tomávamos o chá, o meu de camomila e o dela de limão, minha mãe começou a falar do tal Henrique.

– Você não lembra filhota, porque era muito pequena. O Henrique era um grande amigo do seu pai.

Ela começou. E vi que seus olhos ameaçaram ficar cheios de lágrimas. Era sempre assim nas pouquíssimas vezes em que falava do meu pai.

– É advogado também. Chegaram até a trabalhar juntos em alguns casos. O Henrique foi muito importante pra nós... – Ela parou por uns segundos. – Bem, ele me ajudou muito numas questões legais logo depois... – Aí ela respirou fundo e deixou a frase pelo meio.

– E vocês não se viam havia tanto tempo por quê? – socorri, aliviando o que eu sabia que ainda era difícil para ela, apesar de tantos anos já terem se passado.

– Enquanto o Hermano e a Júlia moravam aí ao lado, ele aparecia sempre, quer dizer, sempre que estava solteiro.

– Como assim?

– Ah, Nanda. Eu já perdi as contas das vezes em que o Henrique se apaixonou perdidamente e se “casou”. Totalmente diferente do Hermano. Você também não vai lembrar, mas ele e o Hermano são irmãos. O que quero dizer, filha, é que o Henrique foi um amigo extraordinário num momento muito complicado da minha vida. Da nossa vida. Mas aí a cunhada sumiu.

– Sumiu?

– É. Um dia a Júlia saiu de casa para ir ao mercado e nunca mais voltou.

– Assim? Do nada?

– No princípio, todo mundo achou que ela tivesse sido sequestrada, ou sofrido um acidente. Eu, o Henrique, o Hermano e mais alguns

amigos rodamos todos os hospitais, as delegacias e até mesmo o IML⁴ à procura da Júlia e nada. Não houve nenhum contato de sequestrador, nem a polícia achou algum sinal dela. Só o carro foi encontrado no estacionamento do supermercado, com o documento e as chaves no porta-luvas. O Hermano chegou a colar panfletos com a foto da Júlia nos postes aqui das redondezas. Nada. Nem preciso dizer como ele ficou inconsolável.

- Mas, mãe, como é que alguém pode desaparecer desse jeito?

- É, filha. Essa é uma pergunta que está no ar até hoje.

- Ela nunca apareceu?

- Não que eu saiba.

- A questão é que após meses de procura, dezenas de ligações com dicas falsas sobre o paradeiro da Júlia, o Hermano acabou desistindo. O coitadinho não aguentava mais. Então um dia ele simplesmente fez as malas, fechou a casa e foi embora. Nos primeiros meses, o Henrique ainda passava por aqui para pegar a correspondência e sempre vinha tomar um café comigo. Mas, depois, mudou o endereço das contas para o escritório dele, foi vindo cada vez menos, até que não veio nunca mais.

Ela ficou, de novo, com aquele olhar meio perdido. Como se tentasse recuperar um determinado momento de sua vida que tinha passado havia muito tempo.

- Mas não é disso que eu quero falar. Antes de acontecer toda essa história com a Júlia, sempre que o Henrique aparecia, eu, ele, o Hermano e a Júlia nos divertíamos muito. Você era bem pequena e dormia cedo. Então, ou eles vinham para cá, ou você ficava dormindo no sofá do escritório da casa deles, enquanto tomávamos um vinho, conversávamos, às vezes fazíamos um torneio de damas ou de buraco. Era muito divertido!

Nem tanto pela história que ela estava contando, mas fiquei encantada com aquilo. Em imaginar minha mãe conseguindo se divertir. Ela falava de um jeito tão nostálgico, tão feliz. Dava para notar

até uma ponta de saudade na sua voz. Como se sentisse um carinho especial por aquela época.

De repente, me veio uma imagem à cabeça da qual eu não gostei nem um pouco e não consegui segurar a minha língua.

- Mãe! Você e esse Henrique não...

- Não! - Ela deu uma gargalhada. - O Henrique é mulherengo demais! Vivia trocando de namoradas. Se apaixonava loucamente, sumia, se mudava para a casa da namorada por um tempo, depois terminava tudo e voltava a aparecer como se nada tivesse acontecido. É claro que nunca se desfazia de seu apartamento. - Ela riu de novo. - Até ele sabia muito bem como era e o que iria acontecer depois. Nós só éramos amigos. E, como eu disse antes, ele era o melhor amigo do seu pai.

- Ah, tá. - Respirei meio aliviada. - Então, pelo que entendi, o irmão dele voltou aí pra casa ao lado, né?

- Pois é. Eu não vi o Hermano, mas o Henrique me disse que ele chegou hoje. Que resolveu voltar a morar aqui. Sinceramente, fiquei bem surpresa. Eu jurava que ele nunca mais iria querer botar os pés nesta casa. Não depois do sumiço da Júlia.

- Eu vi os dois hoje no jardim.

- Viu? Como?

- É que eu tava lendo lá no meu quarto - comecei a dizer meio envergonhada do que tinha feito - e ouvi vozes. Então fui até a varanda e fiquei escutando a conversa deles.

- Mesmo? - Ela se mostrou interessada.

- Mesmo. Um estava agradecendo ao outro por ter deixado a casa do jeito que era antes.

- Que estranho. Ele volta e ainda quer a casa do jeito que era? A primeira coisa que eu fiz foi mudar os móveis de lugar para não ficar lembrando do seu pai, para sofrer menos, e ele querendo tudo igualzinho? Ai, ai, ai. Será que o Hermano ainda não superou o que aconteceu?

Ela disse isso, se levantou e foi para o ateliê. Parecia até estar em transe. Que coisa!

O Nuno ainda era um mistério que eu e a Tati estávamos determinadas a desvendar. Ele continuava a se vestir totalmente de preto, a não abrir a boca em sala de aula nem em hora alguma na escola. E, tenho que confessar, eu me sentia cada vez mais atraída por ele. Bem, não sei se por ele, mas por essa aura enigmática que cercava aquele menino.

No decorrer das semanas, descobrimos que ele ia e voltava do colégio de bicicleta. Mas preferia estacionar a bike numa ruazinha a uns trezentos metros da escola. Não sei por quê. Mais uma coisa a ser descoberta. Mesmo porque havia um tipo de estacionamento de bicicletas em frente à portaria e todo mundo que pedalava deixava a sua ali. Ele não. Era como se não quisesse se misturar ao restante de nós. Era como se fizesse questão de não interagir com ninguém.

Muito estranho.



Depois do dia das malas e da animação de minha mãe ao encontrar o tal Henrique, não vi nosso vizinho recém-chegado. A casa às vezes ficava com as janelas abertas, mas não muito. As luzes eram acesas à noite, um homem vinha limpar a piscina uma vez por semana, outro cuidava do jardim, mas o tal Hermano de quem dona Amália havia falado não aparecia. Nunca. Era como se um fantasma tivesse se mudado para a casa. Não um ser humano.

Até mesmo minha mãe comentou isso. E olha que ela é a pessoa mais desligada do mundo. Em especial quando hiberna naquele ateliê com o torno ligado. Ou mesmo enquanto mistura as tintas para dar vida às peças lindas de cerâmica que faz.

O novo vizinho já estava morando ali havia quase dois meses, e as poucas notícias que tínhamos dele vinham do Henrique.

- Você tem certeza de que o Hermano está bem? - Uma vez ouvi minha mãe perguntando, enquanto tomava um cafezinho com ele na sala da nossa casa.

- Tenho, Amália. Pode ficar tranquila. Esse tempo todo viajando pelo mundo fez muito bem ao meu irmão. Ele só está mergulhado no trabalho porque aceitou fazer uma exposição muito grande e precisa de concentração neste momento.

- Se você diz, eu acredito. Mas não acha estranho ele estar aqui ao lado há tantas semanas e nem ter vindo falar comigo? Não sou uma desconhecida, Henrique. Nós éramos tão amigos, e...

- Eu sei, Amália. - Ele respirou fundo. - Bem, vou dizer uma coisa, mas é apenas uma suposição minha, tá? O Hermano não me falou nada.

- E?

- Você e a Júlia eram muito amigas. Sinceramente eu acho que ele ainda não está pronto para se encontrar com você.

- Depois de tantos anos?

- É. Olha, fui o primeiro a dar força para ele voltar. Achei que ele precisava retomar a vida. Deixar o passado realmente ser passado. Durante esses anos todos, o Hermano não se fixou em lugar algum. Passou uns meses aqui, outros ali. Europa, Ásia, América Central, África. Fez muitas pesquisas, cobriu conflitos, fotografou para grandes revistas e jornais. Mas não criou raízes. Não se envolveu com ninguém.

- Do jeito que você fala, Henrique, fico com a impressão de que ele não superou o sumiço da Júlia.

- Eu também acho isso. Diferente de você, que sabe exatamente o que aconteceu com o Carlos, o Hermano não sabe o que houve. Então, ele não fala no assunto, mas parece que vive procurando a Júlia em cada esquina. Você entende o que eu digo?

Eu sei que é feio, mas ouvi essa conversa sentada na escada de casa. Percebi a voz da minha mãe meio engasgada algumas vezes. Em especial na hora em que o Henrique mencionou meu pai. Ele quis dizer que ela superou a morte do meu pai por saber exatamente o que tinha acontecido com ele, mas eu discordo.

Tem horas em que até eu sinto falta do meu pai. Quer dizer, no meu caso, é uma falta emotiva apenas. Explico. É que eu não conheci meu pai. Não conheci de verdade. Ele morreu quando eu tinha menos de dois anos. Tudo o que sei dele é por meio da memória dos outros. Das lembranças da minha mãe, dos meus avós, de tios, de amigos da família. Ah, e é claro, de fotos. Fotos em que minha mãe evita mexer. Acho que é porque ela ainda sente muita falta dele.



Antes de seis meses Hermano voltou da Europa com Abreu que o acompanhara; e foi morar na casa de São Clemente, onde tornou-se o homem que era, quando o encontramos cinco anos mais tarde.

Dias depois de sua chegada deu-se um incidente que não escapou à curiosidade dos ociosos da vizinhança. Pararam no portão duas carroças conduzindo caixotes de tamanho descomunal. O que, porém, mais intrigou os espíritos foi a circunstância de arrombar-se uma parede para introduzir-se os volumes no interior da casa ⁵.

Uns dias depois dessa conversa, estava eu no meu quarto, lendo o livro. Sim. A leitura não tinha avançado muito, mas eu estava determinada a chegar até o fim da história. Um barulho chamou minha atenção. Fui até a varanda e deparei com um caminhão descarregando duas caixas enormes em frente à casa do Hermano. Não eram caixas de televisão, ou geladeira, ou fogão, ou algo do gênero. Não. Até porque esse tipo de caixa vem com o logotipo do fabricante estampado por todos os lados. Essas não tinham nenhum logotipo, nenhuma marca, mas tinham o formato de uma geladeira grande.

Talvez, se o Hermano do livro do José de Alencar não tivesse trazido dois “caixotes de tamanho descomunal” para casa, aquelas caixas do Hermano vizinho não tivessem chamado minha atenção. Mas aquilo era apenas mais uma coincidência entre a história que eu estava lendo e o que acontecia à minha volta. Minha mãe tinha o mesmo nome da personagem principal. Nosso vizinho tinha o mesmo nome do vizinho da história. E agora essas caixas. Comecei a rir sozinha. Era como se alguém estivesse me iludindo só para eu prosseguir na leitura.

Fato é que, depois da chegada das caixas, a casa parecia ter ganhado vida. As janelas passaram a ficar mais abertas, e o Hermano, volta e

meia, passava um tempo no jardim ou nadando na piscina.

Não demorou muito até eu encontrar minha mãe toda animada, conversando com o vizinho no portão de casa. Foi um dia, quando chegava da escola.

- Fernanda, querida, deixa eu te apresentar o Hermano - ela disse ao me ver chegando. - Você não lembra, mas você o conheceu quando era bem pequenininha.

- Oi - eu falei meio sem graça.

- Você cresceu muito! - Ele riu. - Está ficando uma moça tão bonita quanto sua mãe.

Que comentário mais sem graça! Típico de quem não sabe o que falar numa hora dessas.

- Você não quer almoçar conosco? - minha mãe convidou.

- Eu não quero dar trabalho.

- Não é trabalho nenhum. A comida já está pronta, e a Arlete cozinha maravilhosamente. - Ela riu.

Não adiantou a minha torcida contra, o Hermano aceitou o convite. Droga!

Devo deixar claro que eu não tenho nada contra o cara. Aliás, nem tenho como ter, já que até então eu só tinha ouvido a voz dele uma vez, no dia em que chegou. Tudo o que eu sabia sobre ele era o que minha mãe havia contado. Mais nada. O problema era que, de repente, havia um intruso no nosso momento especial. Naquela horinha em que a gente parava para conversar, independentemente do quanto ela estivesse atolada de trabalho ou eu de estudo. Era o nosso momento diário, e o estávamos dividindo com um estranho que, apesar de conhecer a minha mãe havia tanto tempo e de estar morando na casa ao lado por dois meses, não tinha se dignado a vir dar um oi à sua antiga/nova vizinha.

Acabamos de comer, tomamos o cafezinho habitual e eu pedi licença para subir para o meu quarto, com a desculpa de que precisava estudar. Achei que o Hermano iria voltar para a casa dele, mas foi com

a minha mãe visitar o ateliê, conhecer o que ela estava esculpindo atualmente. Do meu quarto, eu só ouvia as risadas dos dois. Difícil até de achar concentração para continuar a ler o meu livro.

10

De repente, de uma hora para a outra, minha mãe e o Hermano voltaram a ser os melhores amigos do mundo. Com frequência eu chegava da escola e o encontrava no ateliê ou no quintal, fotografando as peças que dona Amália criava.

- Ele é um profissional. Já fez muita coisa para publicidade e se ofereceu para fotografar as minhas peças para o catálogo que a Elvira quer preparar para divulgar meu trabalho no exterior. Não é o máximo?

- É - respondi sem muita empolgação. E aí não resisti: - Mãe, você não acha muito estranho?

- O quê, filha?

- Esse cara. Ele passou um tempão longe, sem dar notícias. E você diz que eram tão amigos.

- Ele tinha suas razões. Eu imagino como estava se sentindo na época. E...

- Mas não é isso que eu acho estranho, mãe. Ele, do nada, volta pra cá. Passa uns bons dois meses enclausurado naquela casa e, de repente, voltou a ser o seu melhor amigo? Isso não é muito esquisito?

- Ah, Fernanda. Você é muito novinha para entender essas coisas. Eu acho que o Hermano está tentando desesperadamente retomar as rédeas da vida dele. Não é fácil. A história da Júlia ficou sem final.

- Ele nunca mais soube nada?

- Acho que não. Nem sou eu quem vai tocar nesse assunto. Se ele quiser falar, tudo bem, estou aqui para ouvir. Mas não vou levantar a poeira de algo que parece estar começando a ser enterrado.

Fiquei olhando minha mãe de um jeito que eu acho que nunca tinha olhado. Ela falava de dar tempo ao Hermano, mas será que ela, mesmo depois de tantos anos, não tinha medo de também levantar a poeira do passado com o meu pai?

Tudo bem. Ela sabia que estava viúva, e o Hermano não tinha ideia do que havia acontecido com a mulher dele. Mas eu vivi até hoje com a impressão de que minha mãe não aceitava a morte do meu pai. Se ele tivesse morrido de alguma doença, ou até mesmo de um acidente, acredito que teria sido mais fácil para ela. Mas meu pai foi assassinado a mando de um cara que ele botou na cadeia porque estava ameaçando a esposa de morte. Muito louco isso. Muito louco.

Fui para o quarto estudar para a prova de Matemática que teria em dois dias, mas como estava difícil me concentrar nos números e nas fórmulas! Que coisa chata! Decididamente, a matéria de que eu mais gosto é História. Nada como História para entender este mundo maluco em que a gente vive.

Desisti de estudar e fui buscar o livro que estava meio encostado no canto.



Entretanto Carlos estava contente; e no seu semblante respirava a satisfação d'alma. Supus que era o prazer da minha volta; mas não podia conciliá-lo com as recordações vivas que se estavam traindo nos seus gestos.

- Essas recordações eram puramente cacoetes de viúvo.

- Vai ver. Pouco depois o Abreu chamou-nos para o almoço. Carlos tomou o seu lugar do costume; eu sentei-me defronte e notei logo que havia um talher em frente à cadeira de honra, outrora ocupada pela dona da casa. Tínhamos, pois, uma terceira pessoa; talvez alguma velha parenta de Carlos.

- E por que não seria alguma prima moça e bonita, que viesse tentar aquele modelo de constância? Aposto que adivinhei.

- Não adivinhamos, nem a senhora, nem eu. O Abreu serviu-nos, e eu a convite do dono da casa almocei com apetite de viajante. Uma coisa me causou reparo. Quando Carlos incumbia-se de trincar, depois de fazer o prato para mim, fazia outro que passava ao Abreu. Este em vez de advertir o amo da sua distração colocava o prato na cabeceira, sobre o

terceiro talher intacto, e o meu amigo tirava para si nova porção; depois o criado mudava todos os três talheres ⁶.

Já estava escuro quando dona Amália entrou no meu quarto toda arrumada.

– Que tal?

– Vai sair?

– O Hermano me chamou para irmos ao cinema. É um festival Hitchcock e hoje vai passar um filme que eu não vejo há anos: *Rebecca, a mulher inesquecível*.

– Hitchcock? Então esse filme é velho! – Eu estranhei.

– Velho, não! Um clássico! Fernanda, um clássico!

Fazia tempo que eu não via minha mãe tão animada para sair. E, sinceramente, tão arrumada. Não que ela não se arrume. Não é isso. Mas, se não for para alguma exposição das peças dela, ou para um compromisso de trabalho, ela costuma se vestir de modo bem simples, do tipo calça jeans e uma blusinha mais bonitinha, ou um vestido bem informal. Só que dessa vez, para ir a um cineminha, ela havia passado até maquiagem, e deu para notar que tinha arrumado o cabelo.

De repente me passou pela mente a imagem da minha mãe e do Hermano de mãos dadas ou coisa parecida. Balancei a cabeça para afastar aquela ideia. Argh! Não dava para imaginar dona Amália namorando, né?

Antes de sair, ela ainda voltou ao meu quarto.

– Filha, tem queijo e presunto de peru, e o pão está no lugar de sempre. Ah! E comprei o suco natural de manga que você adora! Está na geladeira. Você vai ficar bem?

Dei um beijo nela sem responder àquela pergunta. Do jeito que fala, parece que esquece que não tenho mais dez anos. Coisas de mãe.

Desci, fui até a porta e fiquei olhando ela entrar no carro do Hermano.

Deitei no sofá da sala e liguei a televisão para ver o que estava passando. Parei num desenho animado que eu via quando era pequena. Fiquei assistindo não sei por quanto tempo, só sei que acordei com minha mãe me chamando para ir deitar na cama. Devia ser bem tarde, porque lembro que estava silencioso demais no condomínio.



Eu tinha acordado superatrasada. Não sei o que aconteceu. Ou esqueci de acertar o despertador, ou ele tocou e eu não ouvi. Simples assim.

O que sei é que saí correndo de casa com um copinho de iogurte na mão, os cabelos soltos, a primeira roupa que encontrei pela frente, bolsa aberta e os livros quase caindo dos meus braços.

Ainda não havia chegado à esquina quando ouvi a campainha da escola avisando que a aula ia começar. Eu não podia perder o primeiro horário. Era Biologia, a matéria em que eu tinha mais dificuldade, e eu precisava entregar o trabalho para tentar melhorar a minha nota que não estava lá essas coisas.

Seu Leão começava a fechar o portão quando cheguei. Ufa! Menos mal. Pelo menos eu tinha conseguido entrar. Mesmo assim, ainda precisava chegar até a sala de aula. Esse professor era daqueles que não gostam de aluno entrando depois que a porta é fechada.

Segui correndo pelos corredores do colégio, sem prestar atenção em nada. E foi aí que...

– Você não olha por onde anda?!

Eu gritei, já abaixada, recolhendo meus livros no chão, sem olhar para quem tinha trombado comigo.

Era ele. Nuno. Tão esbaforido quanto eu. Tão desesperado para entrar em sala quanto eu.

Ainda não foi dessa vez que ouvi sua voz. Ele deu um sorriso de desculpas, estendeu a mão para me ajudar a levantar e me indicou a porta da sala, bem à nossa frente, fazendo um gesto que parecia meio teatral.

Assim que sentei na cadeira, levei minha mão ao rosto. Que perfume gostoso ele havia deixado nela. Que sorriso bonito ele tinha. Que cavalheirismo tão incomum entre os nossos amigos.



12

A tarde estava mais quente do que o normal. O verão chegava com toda vontade de torrar os nossos miolos, como diria a minha avó. Eu ainda tinha algumas provas antes de terminar o ano e resolvi estudar na varanda do meu quarto, tentando aproveitar um pouquinho da brisa que batia de vez em quando.

Estava terminando de reler um capítulo importante do livro de História quando o barulho de uma janela se abrindo na casa ao lado chamou minha atenção. Ficava quase em frente à minha varanda e, que eu me lembre, não havia sido aberta nenhuma vez desde a grande faxina antes da chegada do Hermano.

É claro que a minha curiosidade falou mais alto, como sempre, e tentei ver como era lá dentro.

Preciso explicar que as casas, aqui no condomínio, não ficam grudadinhas umas nas outras. Todas têm um jardim de um lado e a garagem do outro. Ao fundo, um pequeno quintal onde, no nosso caso, tem uma construção que abriga o ateliê da minha mãe e, no caso do Hermano, tem a piscina.

Digo isso para dar uma ideia do quão longe fica a minha varanda da tal janela que estava sendo aberta pela primeira vez, o que fazia com que fosse mais difícil ver claramente o que havia naquele quarto.

Eu estava quase me debruçando na varanda para ter uma visão melhor quando fui surpreendida pela voz de dona Amália.

– O que você está fazendo, Fernanda?

Por alguns segundos fiquei sem resposta, com vergonha de confessar que estava espiando a casa dos outros. Mas acabei contando.

– Mãe, é a primeira vez que eu vejo aquela janela aberta.

– Aquela... – Ela disse olhando fixamente na direção da janela. – Ali era o quarto onde a Júlia trabalhava. Ela pintava. Tinha uns quadros lindos. E ali era o seu ateliê.

- Não sabia que ela era pintora.

- E das boas. Sabe aquela marina que está na nossa sala de estar? A Júlia nos deu de presente pouco depois que o Carlos...

- Sei, sim! - cortei antes que ela ficasse com aquele olhar perdido de sempre. - Caramba! Vou até olhar com mais atenção.

Percebi que minha mãe falava desviando os olhos para a janela do vizinho a todo instante. Até que ela não resistiu e ficou olhando fixamente.

- Engraçado - comentou. - Aquela cortina de *voile* verde ainda está lá. Como será que resistiu ao tempo?

- Que cortina?

- Não está vendo? A cortina da janela. - Ela apontou. - Lembro de a Júlia ter mandado instalar aquela cortina umas duas semanas antes de sumir. Engraçado como se a gente lembra de umas coisas de repente.

- Do quê?

- A Júlia comentou comigo que tinha mandado fazer a cortina verde para alterar a iluminação do quarto, achando que isso mudaria sua percepção das cores na hora de pintar.

- Hein?! - Parecia que ela estava falando grego.

- Deixa pra lá. Coisa de artista insatisfeito com o que está fazendo no momento.

Ela ainda continuou olhando fixo para a janela por um tempo. Depois, como se tivesse acabado de acordar de um sonho, olhou para mim e me avisou que ia sair.

- Tenho uma reunião importante com a Elvira e um possível patrocinador para minha exposição.

Me deu um beijo na testa, olhou mais uma vez para a janela do vizinho e se foi. Simples assim.

Fui para o colégio achando que estava “sonada” demais. Fiquei até meio preocupada, pois tinha prova e precisava de uma boa nota. Então, estar com sono não era uma boa coisa. Mas eu jurava ter visto a Arlete entrando na casa do Hermano de manhã bem cedo e, como eu sei que ela não tinha nada o que fazer lá, aliás, nem era dia de ela vir para a minha casa, então eu só podia estar vendo miragens.

A questão é que eu estava muito bem acordada, e não tinha visto miragem alguma. Confirmei esses fatos quando voltei da escola e minha mãe contou que a Arlete iria trabalhar para o Hermano nos dias em que não vinha para a nossa casa.

– Será uma renda extra para a Arlete, Fernanda. Você não acha isso muito bom? – minha mãe comentou.

É claro que eu concordei. A única coisa de que eu não tinha certeza se gostava era da ideia de compartilhar mais alguém com o Hermano. Eu já estava dividindo com ele a atenção da minha mãe e agora ia começar a dividir o cuidado da Arlete também. Será que estou sendo egoísta demais? Ou ele, realmente, está invadindo o meu espaço, mesmo sem perceber?

Mas no dia seguinte, quando cheguei da escola, não resisti e enchi a Arlete de perguntas sobre a casa do Hermano. Como era? Bonita? Feia? Moderna? Antiga? Cheia de lembranças de viagens? De lembranças da Júlia? Sinistra? Alegre? Eu tinha muita, muita curiosidade mesmo de saber tudo isso. E a Arlete respondeu apenas:

– Ah, Nandinha, é uma casa bonita, né? Cheia de coisa bonita. Não tem muito serviço... sabe como é, homem sozinho, pouca roupa pra lavar, passar. Quase nada sujo. – Ela ia parando às vezes enquanto falava. – Acredita que ele só usa o banheiro lá de cima?

– Tem fotos espalhadas pela casa? Tem alguma mania estranha?

Arlete parou para pensar um pouco, como se estivesse tentando lembrar os detalhes.

– Foto? Você quer dizer retrato que nem aqueles que a tua mãe tem na estante?

– Isso!

– Taí uma coisa que eu achei muito esquisita: tem um monte de porta-retratos, cada um mais bonito que o outro! Mas tão tudo sem retrato. Tudo com papel preto.

É claro que eu não estava nem um pouco interessada na quantidade de roupa para lavar ou passar, nem mesmo em quantos banheiros o Hermano usava dentro de casa ou que tipo de comida ele pedia para ela fazer. O que eu realmente queria era saber alguma coisa diferente sobre a vida daquele cara. Na verdade, eu imaginava centenas de fotos da mulher desaparecida espalhadas pela casa, como se ainda não estivesse convencido de que ela não ia voltar nunca mais.

Só que atirei no que vi e acertei o que não vi. Afinal, por que será que um homem como aquele tem um monte de porta-retratos espalhados pela casa, todos com papel preto no lugar das fotos? E isso vindo logo de um fotógrafo profissional tão requisitado?!

Caramba! Será que a minha mãe está sendo atraída por um maníaco? Um desses caras loucos que seduzem mulheres bonitas e inteligentes para atacá-las depois de algum jeito macabro? Não! Nada disso! Não pode ser! Eles se conheciam havia anos! Acho que estou vendo televisão demais!

Por outro lado... eles não se viam havia anos também... E quem me garante que o sumiço da mulher não transformou o Hermano num louco?



– A senhora nunca perdeu uma pessoa a quem amasse. Aqueles que já sofreram esse golpe, quando visitam o túmulo que encerra as cinzas do ente querido, acreditar que ali está alguma coisa deles, a sua sombra, a sua alma quando ali não há senão pó. É o mesmo que acontece a Carlos, com uma diferença: nos outros são os vestígios materiais, é o despojo

*mortal, que produz aquele efeito; nele é o espírito unicamente. O que ele sente, o que vê, é a alma da mulher*⁷.

Férias, finalmente! As notas foram razoavelmente boas, então minha mãe não tem do que reclamar. Alívio!

O grande problema é que as aulas conseguiram a proeza de acabar bem pertinho do Natal. O negócio é aproveitar que dona Amália está superenvolvida com a exposição que vai fazer no início do ano para dar uma voltinha no shopping e escolher alguma coisa para fazer um presente bem legal para ela. Afinal, economizei pra caramba a minha mesada durante meses por causa disso.

O chato é que não encontrei nenhuma amiga para vir comigo ao shopping. Estavam todas muito ocupadas. A Tati acabou ficando em prova final e ainda não está liberada. A Duda foi viajar com a família, a Elisa está de castigo porque chegou tarde demais da festa do Antonio.

E estava lá eu rodando o shopping sem ter a menor ideia do que fazer para minha mãe quando, de repente, quem eu vejo sentado na praça de alimentação tomando um suco? Ele. O Nuno. Aquele que conseguiu passar quase um semestre inteiro sem emitir uma palavra e sempre vestido de preto.

Rodei para um lado. Andei para o outro. Passei bem pertinho de onde ele estava, tomando coragem para me aproximar. Quem sabe, ali, sozinhos, eu conseguiria puxar conversa com o menino? Mas o meu tiro saiu pela culatra, como diria a minha avó. Acho que ele percebeu que eu estava tentando me aproximar, porque virou o suco rapidinho, num gole só, e saiu como um raio, pelo meio da multidão que andava pelos corredores à procura de presentes. E eu não consegui achá-lo, por mais que tenha procurado.

Acabei desistindo e decidi me concentrar no meu objetivo principal, que era encontrar um presente muito legal para minha mãe. Comprei umas contas numa loja de artesanato superdiferente para fazer um colar bem estiloso e, como aquilo me pareceu muito pouco, fui atrás de

um livro de arte importado que ela tinha folheado dias atrás, quando passamos pela livraria.

Cansada de tanto andar no shopping e meio frustrada por não ter conseguido me aproximar do Nuno, cheguei em casa, tomando o cuidado, é claro, de esconder dentro da bolsa os presentes que havia comprado para minha mãe. Estava a uma boa distância do portão da nossa casa, quando vi uma mulher toda arrumada saindo da casa do vizinho. Não dava para ver se era bonita, mas deu para perceber direitinho o carinho e o abraço com que o Hermano se despediu dela. Quem seria? Fiquei pensando. Será que ele tinha uma namorada? Será que era a tal Júlia que havia voltado e ninguém sabia? Fiquei imaginando se ele não era desses homens que se fazem de coitadinhos só para ganhar as mulheres, que nem nos filmes e nas novelas. E se fosse? Será que estava fazendo o mesmo joguinho de sedução com a minha mãe?

Não. Não pense que eu estava com ciúmes, não era isso. Mas eu não tinha qualquer lembrança de ver minha mãe namorando ou falando tão animadamente de ninguém. Tinha mesmo a sensação de que, depois da morte do meu pai, a vida afetiva dela havia parado no tempo. OK. Pode ser que ela tenha tido algum namoradinho sem eu saber. É bem possível. Mas eu nunca a tinha visto demonstrar tanto interesse por alguém.

Entrei em casa com um pulgueiro inteiro atrás da orelha, só pensando no quanto minha mãe poderia estar envolvida com aquele cara, e encontrei dona Amália sentada na copa, uma xícara de chá de camomila sobre a mesa, o olhar meio perdido, como se o brilho de dias antes tivesse ido embora.

– Tá tudo bem, mãe?

– Tá.

Não senti muita firmeza na resposta dela, mas também não sabia se eu estava pronta para querer saber o motivo daquele olhar meio triste. Mesmo assim, perguntei.

– Algum problema com as peças da exposição?

- Não. Está tudo correndo às mil maravilhas com a exposição. As peças principais estão prontas e fotografadas. O catálogo já está sendo finalizado. A Elvira está animadíssima. - Ela deu um risinho. - Acho que só estou um pouco cansada, filhota. Não precisa se preocupar.

- Tem certeza, mãe?

- Claro, Fernanda. Está tudo bem.

- Mãe... - Respirei fundo. - O Hermano...

- Esquece o Hermano, filha. Ele está cheio de trabalho e... - Ela não completou a frase.

Dei um beijinho em sua testa e subi para o meu quarto. Não tive coragem de contar o que tinha acabado de ver. E fiquei com a sensação de que tinha sido melhor assim. Sabe, ouço falar muito em sexto sentido de mãe, mas ninguém se lembra que filho também tem sexto sentido. E o meu estava me dizendo para deixar quieto e não me meter onde não era chamada. Pelo menos, por enquanto.



Aproximava-se às vezes do balaústre onde colocara a taça de porcelana e molhava no café já frio os lábios, que ela sugava depois com um gesto gracioso para continuar os seus exercícios de vocalização.

Em uma dessas ocasiões seus olhos caíram sobre a casa vizinha, que muitas outras vezes lhe tinha da mesma forma interceptado a vista, sem que excitasse o menor reparo de sua parte. Era um edifício como qualquer de tantos que povoavam a rua por todos os lados. (...)

Quando absorta nestes pensamentos olhava o edifício meio oculto pelos bambus e avermelhado pelo arrebol, viu Hermano que passava entre as árvores, e aproximava-se do banco favorito.

A moça, disfarçando a sua curiosidade, recolheu o airoso busto na penumbra da coluna, para observar o solitário passeador, que se sentara a pequena distância do muro da chácara, em lugar onde ela o via perfeitamente por entre a folhagem. (...)

Uma vez Hermano ergueu-se; foi até a platibanda, colheu uma flor, um lírio, e, tornando a seu lugar, conservou-o na mão com o gesto expressivo

de quem o mostrasse a outrem sentado à sua direita ⁸.

Não sei se por causa da história do Hermano, ou se porque eu já estava de férias e precisava de alguma coisa para fazer, o fato é que voltei para o livro do José de Alencar. A leitura não era fácil, confesso, mas as coincidências com o que estava acontecendo à minha volta me empurravam para ele. Fazer o quê?

Estava eu lendo meu livro mais ou menos tranquilamente, tentando compreender aquele vocabulário todo, quando o mais completo silêncio que reinava à minha volta foi quebrado pelos cliques de uma máquina fotográfica.

Nem preciso dizer que corri para a varanda. E lá estava ele, com uma máquina que parecia meio antiga, daquelas que ainda precisam de filme e revelação, presa num tripé, apontando para o banco do jardim.

Até aí, tudo bem. Ele é fotógrafo e a cena não seria estranha se o Hermano não estivesse fazendo poses no banco como se houvesse mais alguém sentado nele. Isso mesmo! Ele falava e gesticulava igual criancinha que brinca com o amigo imaginário, entende? Só que não tinha mais ninguém no jardim. Só ele. Sozinho. Sentava no banco e abria o braço daquele jeito de quem está abraçando alguém sentado ao lado.

Houve um momento em que ele foi até o canteiro, pegou uma flor, cheirou e se ajoelhou em frente ao banco como se estivesse oferecendo aquela flor para uma pessoa sentada nele. Fiquei arrepiada só de ver. Será que o cara era mais louco do que eu imaginava?



Desde aquele dia, que se pode chamar de sua conversão, Amália ocupou-se com a casa vizinha, que dantes não lhe merecia a menor atenção.

Agradava-lhe a chácara, o edifício, as árvores. Achava-lhes alguma coisa de particular, embora não tivessem realmente de notável senão a solidão e o silêncio que os cercavam.

Acompanhava os movimentos da habitação. Ligava aos mais casuais e ordinários alguma significação. Uma janela que se abria, um rumor qualquer, eram como o gesto ou a palavra do edifício, que para ela tinha uma vida, uma história, uma individualidade⁹.

A questão é que, com todo aquele jeito estranho do Hermano, observar a casa dele passou quase a ser uma obsessão da minha parte. Eu estava de férias, não tinha muito o que fazer, pelo menos até o Ano-Novo, então, sempre que podia, ficava tomando conta do que acontecia por lá.

Foi então que uns dois ou três dias depois da visita da moça misteriosa, já no início da noite, quando estava escurecendo, o flash da máquina chamou minha atenção. Ele vinha diretamente do quarto da cortina verde. Aquele que, segundo minha mãe, era o estúdio onde Júlia pintava.

Apaguei as luzes do meu quarto, fui para a varanda e fiquei olhando fixamente para aquela janela, tentando ver alguma coisa interessante. A luz estava acesa, mas era bem fraquinha, e as cortinas verdes continuavam fechadas, como sempre. O flash pipocou mais uma porção de vezes, e quase caí dura de susto. Juro. Juro de pés juntos que vi a silhueta de uma mulher, com um pincel na mão, como se estivesse pintando um quadro. Num outro pipocar do flash, vi a mesma mulher numa outra posição. E, a cada vez que aquela luz forte acendia, a mulher tinha trocado de lugar.



À noite fechada Amália via através da folhagem brilhar a luz do gás nas janelas que ela sabia serem as dos antigos aposentos de Julieta; nessa ocasião murmurava:

- Está junto dela.

Recordava-se então da vez em que os vira ali outrora; dos beijos que Hermano dera na mulher, e do rubor da noiva quando percebeu que alguém os espiava, e que ria de sua ternura. Nesses momentos repreendia-se por aquela travessura de criança, de que se envergonhava.

Henrique Teixeira lhe dissera que esses aposentos ainda estavam como Julieta os deixara. Que vontade não tinha de os ver de novo, e agora que podia melhor apreciá-los! Às vezes dirigia-se para o terraço

donde antigamente espreitava os noivos. Mas a delicadeza de seus sentimentos a retinha. Repugnava-lhe espiar a casa alheia, e abaixar-se a essa curiosidade leviana.

Notou, porém, que as rótulas estavam constantemente fechadas; portanto ela podia sem indiscrição aproximar-se dessas janelas. Para quê? Para estar mais perto, para ter uma esperança vaga e ilusória de ver aquilo que fugia de olhar.

Em uma noite cálida e abafada, a moça recostada à leiva de grama, fatigava, como de costume, os seus belos olhos em distinguir umas sombras fugitivas e confusas que se agitavam por dentro das venezianas.

As rótulas estavam apenas cerradas, o que ela notou pela estreita faixa de luz que indicava o interstício das duas abas não ajustadas. A princípio teve escrúpulo; mas, como era impossível enxergar por aquela fresta, deixou-se ficar.

Instantes depois a moça caiu de bruços sobre o respaldo de grama, sufocando nos lábios o grito doloroso que lhe estalara no seio ¹⁰.

Eu não sabia mais o que pensar sobre o Hermano. Que cara mais estranho! Resolvi então que ia contar tudo o que tinha visto à minha mãe e tirar o Hermano de uma vez por todas da cabeça dela.

Mas, ainda no meio da escada, ouvi vozes na sala. Conhecidas. Eram minha mãe e o Henrique. Falavam meio baixo, do jeito que a gente fala quando não quer que ninguém ouça a conversa. Precisei me esforçar para escutar o que eles diziam.

– E quando foi que isso aconteceu? – ela perguntou.

– Faz umas duas ou três semanas, quando ele foi ao centro da cidade almoçar com um cliente. Voltou transtornado e se fechou na casa.

– Como você descobriu?

– Estranhei o silêncio. Isso sem falar que a Helena havia marcado um almoço na casa nova e ele não apareceu. Você sabe como ele é com a Helena, né?

- A Helena está no Brasil?! - Ela se assustou.

- Eu não contei? Depois de anos mudando de um país para outro seguindo a vida diplomática do marido, parece que eles finalmente vão ficar um período mais longo por aqui. Pelo que ela disse, ele conseguiu o posto de adido que tanto queria no consulado português daqui.

- Ia ser muito bom encontrar com ela...

- Ela também vai gostar de te ver. Na verdade, eles estão de volta desde o início do ano, mas, entre achar casa, fazer mudança, organizar as coisas e ainda administrar os problemas de adaptação do filho, só agora a Helena está conseguindo começar a ter uma vida mais normal.

- Eu imagino que não deve ter sido fácil para o menino lidar com todas essas mudanças de país. Não deve nem ter conseguido fazer amigos, e amigos são tão importantes nessa fase...

- É verdade. Você acredita que, desde que chegaram, é a terceira escola que ele frequenta? Pelo menos, ao que parece, nessa ele se adaptou.

É claro que fiquei curiosa para saber quem era a tal Helena. Talvez fosse a moça que vi saindo da casa do Hermano no outro dia. Talvez seja alguém da família. Talvez uma amiga de longa data. Quantos talvez cercando uma pessoa só!

A conversa girou em torno da tal Helena ainda algum tempo, e, quando eu já estava ficando cansada de estar sentada na escada escutando a conversa alheia - no que, diga-se de passagem, eu estava me tornando especialista -, uma frase me segurou mais um tempo na posição desconfortável.

- Ele não sabe sobre essa carta da Júlia? Você não contou?

- Não tive coragem.

E o Henrique começou a explicar à minha mãe que a carta da Júlia havia chegado meses depois de o Hermano ir embora. Disse também que foi por causa dessa carta que ele havia decidido transferir todas as contas e correspondências do irmão para o escritório. Não queria correr o risco de dar de cara com a Júlia ali por perto. Não depois da carta.

Ouvi o barulho de papel sendo desdobrado e um silêncio mortal, que foi quebrado por minha mãe que, não sei o motivo, resolveu ler algumas partes em voz alta.

Não espero que você me perdoe. Eu não me perdoaria se estivesse em seu lugar.

Foi a decisão mais difícil que tomei, e também a mais covarde, já que não consegui contar nada disso olhando nos seus olhos. E só agora, tanto tempo depois, reuni forças para escrever.

Se escrevo agora, é porque acredito que você precise saber o que aconteceu para deixar o passado para trás e seguir adiante.

Desejo que você encontre o amor de sua vida. Eu não sou essa pessoa. Eu encontrei o meu. E não era você.

Novamente um silêncio mortal entre os dois.

– Acho que preciso de um chá de camomila. Isso é forte demais para os meus nervos. – Ouvi minha mãe dizendo. – Quer um também?

Não esperei para escutar a resposta do Henrique. Subi correndo para que eles não soubessem que eu tinha ouvido a conversa. Além de ficar chato pra caramba, ainda poderia me valer uma bronca ou, na pior das hipóteses, um castigo qualquer.





Ao piano, a sua execução não perdera em correção e limpidez; mas, ou tocasse ou cantasse, havia na música, se esta era triste, uma repercussão íntima e profunda. Sentia-se palpar a dor nas teclas como na voz.

De repente, sem motivo, e sem consciência, enchiam-se-lhe os olhos d'água. As lágrimas doutros tempos eram orvalhos para as boninas de seu gentil sorriso; estas de agora corriam lentamente e deixavam nas faces um brilho lívido.

A família assustou-se com esta mudança. Às perguntas inquietas da mãe, Amália respondia que andava aborrecida; e entretanto recusava as distrações que lhe ofereciam ¹¹.

Henrique ainda ficou um tempo conversando com minha mãe. Não sei quanto. Mas que aquela história toda tinha abalado muito dona Amália, disso eu não tinha dúvidas.

No dia seguinte acordei mais tarde. Essa é uma das maravilhas de estar de férias. O despertador não perturba, e eu posso dormir até a hora que quiser.

Passei pela cozinha, tomei um copo de leite com uma torrada e fui até o ateliê dar bom dia a minha mãe, que estava, como sempre, no torno, modelando peças e mais peças.

Mas a pessoa que estava ali não parecia ser a dona Amália de sempre. Os olhos um pouco vermelhos, como os de quem andou chorando. A alegria que vivia estampada em seu rosto quando se sentia a rainha daquele espaço parecia ter desaparecido. Até a música clássica que sempre ouvia, desta vez era uma ópera meio deprimente. Estava tudo errado. E eu não sabia direito o que fazer.

O problema é que mãe é mãe, não é amiga, por mais amiga que ela seja. Quer dizer, se fosse a Tati ali, naquela situação, eu já iria chegar trocando a música, perguntando o que estava acontecendo, chamando para sair e tomar um sorvete, sei lá, qualquer coisa desse tipo. Mas não era a Tati, nem a Duda, nem nenhuma das outras minhas amigas. Era a minha mãe quem estava ali com aquela cara de deprimida, e eu até podia ter uma ligeira ideia do motivo, mas não podia, sequer, falar sobre o assunto, porque ela saberia que eu fiquei ouvindo a conversa da escada.

O que fazer então?

Dei um abraço bem apertado nela, elogiei as peças que estava fazendo, perguntei se ela queria alguma coisa especial para o almoço, porque eu havia combinado com a Arlete que queria aprender a cozinhar qualquer coisa além de macarrão instantâneo, hambúrguer congelado e ovo frito. Pelo menos consegui arrancar um sorriso de dona Amália.

- Que tal um estrogonofe?

- Mãe! Eu tava pensando num bifinho com fritas, né?

- Sinceramente, eu acho mais difícil fritar batatas do que fazer um estrogonofe.

- Se você diz...

E lá fui eu para a cozinha me oferecer como aprendiz. O que eu não sabia era que elas já haviam combinado o cardápio e que a Arlete estava com tudo preparado para a minha primeira aula de estrogonofe de carne.

E, em meio ao descasca daqui, pica dali, cheiro de alho nas mãos, briga para abrir a embalagem do creme de leite, à prova de qualquer ser humano, tomei coragem e perguntei novamente à Arlete como era a casa do Hermano. É claro que perguntei de um jeito assim, meio como quem só quer puxar conversa e não está realmente interessado no assunto.

- Ah, Fernandinha, casa de homem sozinho. Pouco serviço. Às vezes ele até pede pra eu deixar um feijão e arroz prontos, mas, na maior

parte das vezes, eu encontro um monte de pacotes de comida congelada no lixo. Sabe como é, né?

- Mas você arruma e limpa a casa toda, né?

- É. - Ela deu de ombros. Parou um pouco e então se corrigiu. - Toda, menos o quarto do canto.

- Quarto do canto? - Fingi não entender.

- É... aquele que dá pra ver da tua varanda. Um com cortina verde.

- Sei - falei tentando não mostrar minha curiosidade. - Você nunca entrou lá?

- Eu? Não! O seu Hermano diz que é o estúdio de trabalho dele e não deixa ninguém entrar. Nem o seu Henrique.

Ela parou para experimentar o tempero da carne que estava cozinhando na panela. Pegou uma colher e me ofereceu também. Provei no automático, porque não sei nem dizer se estava salgada, se o tempero estava bom, ou se a carne já estava cozida o suficiente. Tudo o que eu queria saber era sobre o quarto proibido da cortina verde.

- Quer dizer que nem o Henrique entra no estúdio de trabalho do Hermano? Deve ser um trabalho supersecreto. - Eu ri, tentando voltar para o assunto.

- Pois é. Se é secreto, eu não sei, só sei que é um tal de experimental, e sei lá o que isso quer dizer. Imagina que outro dia a irmã deles foi lá. Eu nem sabia que eles tinham uma irmã. Então a dona Helena começou a fazer um monte de perguntas sobre o trabalho do seu Hermano e disse que queria ver as fotos novas que ele tava fazendo. Foi aí que ele ficou meio irritado e disse que só iria mostrar quando tudo estivesse pronto. Que por enquanto era só experimental. - Ela riu. - Esses artistas têm cada uma!

- Não esquece que minha mãe também é artista, né? - Eu ri.

- Mas dona Amália é normal.

Entendi aquilo como um elogio e não voltei ao assunto. Na verdade, em dois minutos a Arlete já havia matado duas charadas muito importantes. A tal de Helena, de quem minha mãe e o Henrique

estavam falando, é irmã deles. E era a mulher que eu vi saindo da casa do Hermano, já que naquele dia a Arlete estava trabalhando lá.

O que a Arlete não conseguiu explicar, mesmo que sem querer, foi quem era a modelo que eu vi no estúdio da cortina verde. E continuei curiosa.

O estrogonofe foi um sucesso. Ficou uma delícia. É claro que eu não fiz nada sozinha, apenas fui seguindo as instruções da Arlete e tomando o cuidado de anotar o passo a passo num caderno que havia comprado dias antes para ser o meu Livro de Receitas. Eu só não sabia quantas receitas mais ele teria em suas páginas e, muito menos, quando. Até porque ainda estava sentindo aquele cheiro horroroso de alho em minhas mãos.

Só que, mal acabamos de comer, minha mãe se levantou da mesa, avisando que ia sair.

- Você está de parabéns, filhota. O almoço estava ótimo. - E, piscando para a Arlete: - E você também, por ter ensinado tão bem à Fernanda. Mas agora vou subir rapidinho para me arrumar, porque tenho hora.

- Posso saber aonde a senhora vai, dona Amália? - disse em tom de brincadeira, mas falando bem sério.

- Tenho um encontro com a Elvira. Precisamos cuidar ainda de algumas coisas da exposição. Você sabe, né, filha, daqui a pouco é Natal e Ano-Novo, então, o que não fizemos agora, só no ano que vem.

Fiquei olhando minha mãe subir a escada para se arrumar toda animada. Não parecia a mesma pessoa chorosa e deprimida que eu tinha visto de manhã no ateliê. Fico me perguntando como, mas tem horas em que ela tem uma capacidade de transformação que não sei de onde tira. É sempre assim. Num momento, eu olho para minha mãe e percebo um ar de preocupação, ou de cansaço, ou mesmo de tristeza. No outro, ela parece ser outra pessoa.

O que me deixa mais intrigada é que tenho a impressão de que essas mudanças radicais dela acontecem por minha causa. Ou seja, toda vez que percebe que eu notei que ela não está bem, dona Amália “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”, como diz a música.

Será que todos os pais são assim? Ou é só a minha mãe? Será que ela ainda me vê como uma criancinha incapaz de entender que ela não

é uma supermulher, que tem problemas e que precisa lidar com eles? Sempre que penso nisso eu fico triste, porque queria muito que ela confiasse mais em mim, que me deixasse participar mais dos problemas da casa. Mas não. Ela carrega tudo sozinha, e isso me deixa muito triste, faz eu me sentir inútil.

O telefone tocou. Fui atender, era a Elvira.

A ligação foi rápida. Aliás, muito rápida para os padrões de Elvira e minha mãe.

- Fernanda! - Ela me chamou no quarto. - Está ocupada hoje? - Riu.

Dei de ombros, sem entender de fato aquela pergunta.

- Se não tiver nada pra fazer, vá se arrumar pra sair comigo. Mas tem que ser rápido.

- Você tá falando sério? - Estranhei.

- E por que não? Você está de férias, o dia está lindo, os planos mudaram e eu e a Elvira não teremos uma reunião convencional hoje. Na verdade, vamos sair para fazer umas compras, porque ela acha, e eu tenho que concordar, que preciso de uma mudança de visual para fazer as fotos de divulgação da exposição.

- Me dá dez minutinhos - respondi e saí correndo para o meu quarto.

Sabe, não é todo dia que a mãe da gente convida para um programa desses. E é óbvio que eu também fui com segundas, e até terceiras, intenções. Quem sabe, nesse “banho de loja” que a Elvira tinha planejado para minha mãe, não sobrassem umas gotinhas pro meu lado?

Eu estava pegando a bolsa quando ouvi a buzina do carro da Elvira chamando. Corri com medo de que elas mudassem de ideia e desistissem de me levar. Na verdade, fiz meio que um teatrinho, porque sabia que minha mãe não voltaria atrás, a menos que eu desse algum motivo muito sério. O que não era o caso, claro.

A tarde foi bem animada. Primeiro fomos ao salão de beleza. No caminho, a Elvira não parava de dizer que minha mãe precisava urgentemente de um corte de cabelo apresentável. Falava e piscava para mim, pelo retrovisor.

- Você não acha, Fernandinha, que esse cabelo da Amália está em estado de calamidade? Olha só! Parece uma palha! Além do corte, vamos precisar de uma hidratação e, quem sabe, umas luzes, ou uma tintura mais vibrante. E olhe essas unhas! - Ela não dava tempo para ninguém responder. - Há quanto tempo não veem uma manicure?

- Mas, Elvira - minha mãe tentou argumentar -, eu trabalho com barro, lembra?

- Não estou falando que você precisa ter unhas compridas, Amália. Mas não vejo problema algum em dar uma tratadinha, um esmalte rosinha, pelo menos, né?

Quem me ouve contar desse jeito até vai pensar que a Elvira é dessas que só ligam para aparências. Bem, não é nada disso. Ela é uma superprofissional que negocia as peças de diversos artistas, organiza exposições, busca patrocinadores, etc. e tal. Mas também tem um lado meio perua, do tipo supervaidosa. Acho que, mesmo que eu puxe bem pela memória, não vou conseguir lembrar de nem uma vez sequer que tenha visto a Elvira sem maquiagem. Talvez seja por isso que ela viva argumentando com a minha mãe sobre a necessidade de cuidar da aparência do artista, e não apenas de sua arte.

Acho que a Elvira tem razão. Pelo menos um pouco de razão ela tem.

Mas o mais importante de tudo é que, já no salão, o banho de vaidade de minha mãe respingou em mim.

- Não quer aproveitar para dar um jeitinho nessas unhas, Nanda? - Elvira perguntou.

E isso lá é pergunta a se fazer a uma menina?

Quando saímos de lá, dona Amália era, realmente, outra pessoa, com os cabelos mais curtos, um pouco mais escuros, sobrancelhas feitas, unhas pintadas e um sorriso de quem estava se sentindo bem consigo mesma.

E a parada seguinte foi num shopping. Não aquele que eu costumava frequentar com as minhas amigas. Fomos a um shopping diferente, bem menor, com umas lojas que eu não conhecia, mas que tinham umas coisas muito legais. E, melhor ainda, a Elvira parecia conhecer algumas das vendedoras, então eu tinha a sensação de estarmos recebendo um tratamento meio VIP, especial mesmo.

Minha mãe experimentou algumas roupas. A maioria vestidos estilosos, sem muita estampa, porque, segundo a Elvira, o estampado do vestido não devia brigar com os coloridos e padrões das peças que seriam expostas.

Mas melhor do que os vestidos, o tratamento, o conforto das lojas era o jeito de menina de dona Amália. Ela estava, visivelmente, se divertindo muito. Parecia criancinha em loja de brinquedos, onde os olhos brilham de excitação com tanta novidade e cor. Acho que nunca tinha visto minha mãe tão contente em experimentar um vestido atrás do outro. Ela sorria o tempo todo.

Em meio àquela variedade, acabaram escolhendo três modelos diferentes. Tentei visualizar o colar que ia fazer para dar de presente de Natal com as contas que tinha comprado e achei que os vestidos iam combinar muito bem com ele.

Acabei ganhando um vestido também e resolvi guardá-lo para usar na virada do ano. Eu não sou de acreditar em superstições, mas é sempre bom usar roupa nova em dia de festa, né?

A conta paga e as roupas devidamente embaladas, estávamos nos virando em direção à porta para, quem sabe, ainda entrarmos numa ou duas lojas de sapatos, quando uma voz surpreendeu minha mãe:

– Amália?

– Helena?

– Puxa, você não mudou nada nesses anos todos!

- Nem você! - E se virando para nós: - Lembra da Elvira?

- Claro que lembro! - Elas se cumprimentaram. - E essa é a Fernandinha? - perguntou me dando dois beijinhos.

- Dá para acreditar? Era tão pequena quando vocês foram para a Europa...

- Era mesmo.

E, entre beijinhos, risos, abraços e vários *quanto tempo*, elas resolveram que era hora de tomar um café e comer alguma coisa. Então sentamos numa lanchonete bem charmosa no shopping, que elas chamavam de cafeteria, para comer e conversar.

No meio daquela animação, acabei conhecendo quase tudo sobre a vida da Helena, que, diga-se de passagem, devia ser muito legal.

À noite no meu quarto, me peguei sonhando com uma vida como a dela. Logo que saiu da faculdade de Letras, conheceu o José Antonio. Namoraram e casaram. Até aí, tudo normal, não fosse ele um diplomata português que, na época, estava servindo no consulado daqui.

Tiveram um filho e, três anos depois, ele foi chamado de volta a Portugal. Moraram em Lisboa muitos anos, até que ele começou a ser enviado para outros países. Em resumo, a Helena, o marido e o filho viveram em Moçambique, na Hungria, em Cabo Verde e num outro país europeu do qual não me lembro.

Senti uma pontinha de inveja do filho deles, imaginando como devia ser fascinante conhecer tantos lugares diferentes. Mais do que isso, morar nesses lugares, saber o que é bom e o que não é, descobrir como as pessoas vivem, como são as casas por dentro. E, melhor que tudo, fazer amigos ao redor do mundo.

Fiquei com vontade de conhecer o filho da Helena, sobrinho do Hermano e do Henrique. Devia ser alguém fascinante, cheio de assuntos para conversar. Por isso, nem liguei quando elas combinaram um almoço de Ano-Novo na casa da Helena.

Dois ou três dias antes do Natal, a Tati me liga toda animada.

– Amiga!! Você não vai acreditar!

– No quê?

– Adivinha!

Eu detesto quando a Tati faz isso. Primeiro, porque eu nunca acerto mesmo. Segundo, porque eu sei que ela não quer que eu adivinhe coisa alguma, quer me deixar curiosa só para criar suspense.

– Você ganhou na loteria? – debochei.

– Muito engraçadinha!! Eu tô falando sério, Nanda!

– Então conta logo, Tati. Eu não vou adivinhar mesmo.

– Vou dar uma pista: sabe quem eu vi no shopping hoje, na hora do almoço, quando fui comprar o presente da minha avó com a minha mãe?

– Papai Noel? – Eu ri.

– Olha, ele também. Mas, além dele...

– Ah, Tati. fala de uma vez, vai.

– Tá bom! Já vi que você não tá no clima de brincar. – Ela riu.

– Não, mesmo. – Ri também.

– Bem, eu fui ao shopping com a minha mãe, comprar o presente de Natal da minha avó. Rodamos tudo. Como é difícil achar alguma coisa interessante pra alguém com a idade dela, você não imagina! Acabou que a gente comprou um lenço de seda muito charmoso, mas com cara de gente mais velha, né?

– Fala logo, Tati.

– Ai! Como você tá impaciente, Nanda! – Ela riu. – Então, depois das compras, resolvemos almoçar naquele restaurante de massas do terceiro piso, sabe qual é?

– Sei. E?

- Numa mesa bem perto da nossa estavam três garotos conversando na maior animação.

- E?

- Um desses garotos era ninguém mais, ninguém menos, do que o Nuno!

Fiquei muda por alguns minutinhos.

- Não acreditou, né?

- Não é isso. Eu tava pensando aqui, então ele fala! - Ri.

- Pois é. Mas eu acho que matei a charada do silêncio dele na escola.

- Por quê?

- Porque eles não estavam falando português.

- Como assim? Tavam falando o quê?

- Sei lá! Era uma língua que eu nunca ouvi na vida. Com certeza não era inglês, nem francês, nem alemão, nem italiano, nenhuma dessas que a gente pode até não saber falar, mas sabe qual é.

- Tati, será que ele não fala português direito? Por isso não abria a boca no colégio?

- É possível. Mas ele deve entender muito bem, porque só tirou nota boa.

- Bem, a gente vai ter que esperar até o ano que vem, quando as aulas voltarem, pra descobrir.

Ouvi uma porta batendo forte em algum lugar e o estrondo de um trovão. Caramba, como eu detesto trovão. O pior é que esses eram sinais de chuvarada e, como eu estava sozinha em casa, era melhor sair fechando todas as janelas antes que a água começasse a cair e molhasse tudo aqui dentro.

Tratei de me despedir da Tati e fui fazer o que precisava.



Eu sei que em dezembro faz um calor danado aqui na cidade, mas será que era realmente necessário que todas, eu disse TODAS, as janelas desta casa estivessem abertas?

Comecei o árduo trabalho pela sala, depois fui para a cozinha e a copa. Subi e fui para o quarto da minha mãe, para o escritório, até finalmente chegar ao meu quarto.

Aquele zumbido do vento soprando era de arrepiar, isso sem falar dos trovões que praticamente rosnavam um atrás do outro. Mas, como ainda não tinha caído uma gota de água sequer, decidi deixar a minha janela aberta. Eu ia ficar no quarto mesmo. Então, se comesse a chover, poderia fechar rapidinho, antes de molhar qualquer coisa aqui dentro.

Liguei o computador para ver se tinha alguém on-line, mas logo me lembrei das recomendações da minha mãe: *Evite ficar com o computador ligado quando estiver trovejando, filha. Se a energia cair, pode queimar seu equipamento, e eu não tenho dinheiro para comprar outro tão cedo, viu?* Acho que ela exagera um pouco – ou muito –, mas, pelo sim pelo não, achei melhor desligar.

Só que eu não tinha muito o que fazer. Liguei a TV, passei por quase todos os canais e não encontrei nada que valesse a pena ficar vendo. Final de sábado na TV é chato demais! Até o filme especial de estreia eu já tinha visto e não tinha gostado.

Olhei para minha poltroninha e vi o livro do Alencar lá, meio esquecido. Resolvi voltar uns dois ou três capítulos, porque não lembrava direito o que estava acontecendo na história desde a última vez em que o tinha pegado para ler.



Soprava a viração da noite.

A primeira lufa, cortando o ambiente cálido e estagnado e derramando no ar uma onda de frescura, rugitou pela folhagem das mangueiras.

Com a rajada, as rótulas se tinham afastado de modo a mostrar no quadro da janela o interior do aposento.

No centro havia uma mesa de charão com um vaso de rosas, colhidas naquela tarde. Amália vira quando Hermano as cortara da haste e pensou então que eram uma oferenda do marido à esposa querida. Naturalmente iam ornar o seu toucador.

Junto do vaso estava aberta uma caixa de carvalho com preparos e utensílios de flores artificiais; e na beira da mesa uma peanhazinha de bronze que mantinha direita na sua haste de arame uma rosa de pano ainda por acabar.

Hermano sentado ao lado com um livro aberto lia a meia voz; e, embora o sussurro de suas palavras se perdesse nos rumores da noite, podia Amália mesmo de longe ver-lhe o movimento dos lábios.

Mas não foi nada disto o que feriu a alma da moça, quando a veneziana aberta patenteou-lhe aquela cena.

Em face de Hermano e também sentada como ele, Amália viu, cheia de espanto, uma mulher. Era moça e de rara formosura. Na posição que tomara, o seu talhe moldado por um vestido simples e justo, de seda azul à princesa, desenvolvia-se com um garbo indefinível¹².

O vento aqui no condomínio também soprou mais forte. Tão forte que fez bater a porta da minha varanda, me dando o maior susto.

Achei melhor fechar antes que acontecesse algo pior, como quebrar o vidro ou coisa parecida. E, bem na hora em que botei a mão no puxador da porta da varanda, o clarão de um raio surgiu tão forte que a noite pareceu virar dia por alguns segundos. Ao mesmo tempo, uma rajada de vento fez voar para fora a cortina verde do “quarto proibido” do nosso vizinho. Tudo isso junto me mostrou uma cena surpreendente. Fiquei parada à porta da varanda, torcendo para outro raio iluminar tudo de novo, e outra rajada de vento levantar a cortina e mostrar o

quarto, porque o que eu tinha visto era estranho de verdade. Mas nenhum outro raio tão forte cruzou o céu.

Voltei para a minha poltroninha e fiquei olhando fixamente para a janela da cortina verde. Acho melhor explicar que a poltrona está posicionada bem de frente para a varanda, porque é o lugar mais fresquinho do quarto, não bate sol durante o dia, e é ótimo para estudar. Isso sem falar, é claro, que dá para esticar as pernas e colocar os pés na minha cama.

Mas o que eu vi quando o raio clareou tudo não saiu da minha cabeça. Eu fechava os olhos e enxergava, nitidamente, aquela mulher morena, de cabelos lisos, de vestido azul-escuro e batom bem vermelho, reclinada num pequeno sofá branco. Estava dormindo. Ou pelo menos parecia estar. E tudo eu juro que vi nos poucos segundos de duração do clarão do relâmpago, por isso eu queria mais luz. Precisava ter certeza de que não havia sido apenas uma miragem.

Acontece que não houve mais raio forte, não houve mais clarão, não houve mais cortina verde voando. E eu fiquei na dúvida se o que eu tinha visto era real ou fruto da minha imaginação, influenciada pelo trecho do livro que tinha acabado de ler.

De repente, o que eu mais detesto aconteceu: a luz apagou. Isso mesmo, não bastassem o vento, os raios e os trovões, acabou a energia. Assim, sem aviso prévio. Sem ao menos uma piscadinha para dar o alerta. Sem dizer que eu ia ter de ficar sozinha em casa e na mais completa escuridão.

Odeio, com todas as minhas forças, ficar no escuro.

Passado o pânico inicial, respirei fundo: *pensa, Nanda, pensa*, falei pra ninguém. Quer dizer, falei para mim mesma, tentando achar um jeito de driblar aquela situação. *Claro!* Gritei toda animada quando me lembrei de que minha mãe guarda uma lanterna naquele armário pequeno do escritório.

Fechei os olhos, não sei para quê, já que não via porcaria nenhuma mesmo, e fui tateando pelo caminho entre o meu quarto e o escritório. Tudo bem que uma porta fica de frente para a outra. Tudo bem que

faço esse “enorme” trajeto praticamente todos os dias. Tudo bem que moro nesta casa desde que a minha memória alcança. Mas a mais pura verdade é que no escuro todos os gatos são pardos, como diz minha avó. E, mesmo sabendo que eu estava na minha casa, sozinha, tremia feito vara verde, com medo de sei lá o quê.

Quando senti meu pé descalço pisar no tapete de sisal do escritório, dei um enorme suspiro de alívio. Agora só precisava tatear até o armário que fica ao lado da escrivaninha, me ajoelhar e encontrar a lanterna. Aí, sim, me sentiria mais ou menos tranquila.

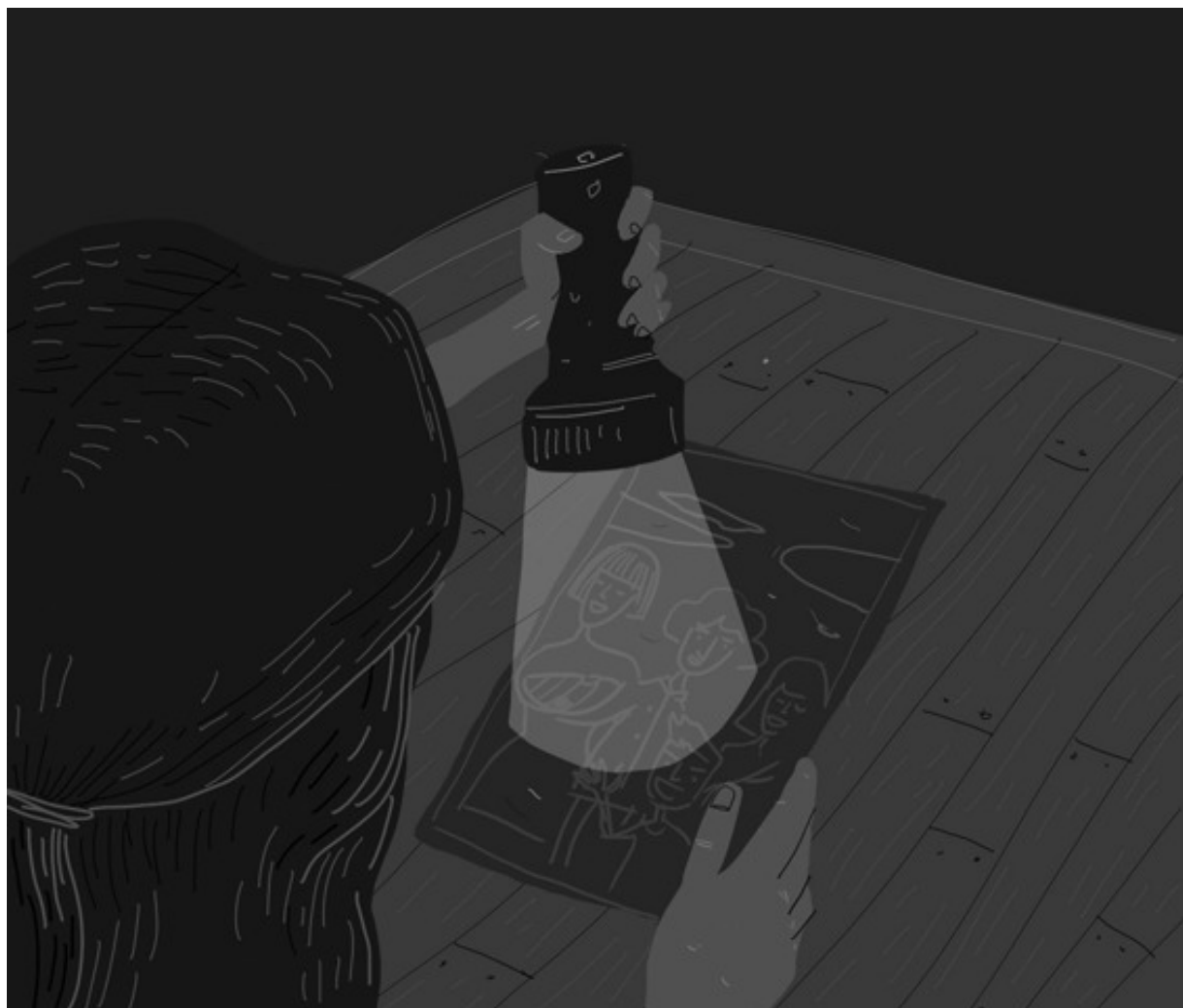
Mas ainda tinha um grande problema pela frente: achar a lanterna sem ver absolutamente nada. É claro que a primeira coisa que consegui fazer foi derrubar uma caixa de papelão toda bonitinha onde minha mãe guarda um monte de fotos antigas, que se espalharam pelo chão. Fingi que não percebi a bagunça porque tinha uma meta mais importante: a lanterna.

Apalpa daqui, tateia dali, desliza as mãos pelas prateleiras cheias de coisas. Finalmente toquei em alguma coisa que parecia familiar, mas só fiquei aliviada mesmo quando meu dedo passou pelo botãozinho, apertou e ela acendeu. Ufa! Confesso que foi só nessa hora, meus olhos meio ofuscados por aquela luz, que me dei conta de que ela podia estar sem pilha. Mas não estava. Que bom que dona Amália é daquelas mães ultraprevenidas.

Eu já ia me levantando do chão para voltar para o meu quarto, quando meu pé esbarrou nas fotos espalhadas. Apontei a lanterna acesa para o chão com uma das mãos e, com a outra, comecei a juntar as fotografias e colocar na caixa, sem nem olhar direito para elas. Entretanto, não sei por quê, uma em especial chamou a minha atenção. Não tinha muita certeza, mas era a minha mãe comigo no colo, um homem que parecia demais com o Henrique, outro que lembrava o Hermano e uma mulher que eu não sabia quem era. Talvez fosse a Júlia. Resolvi pegar a foto “emprestada” para ver melhor quando a luz voltasse.

Ouvi o barulho da porta da frente se fechando e a voz da minha mãe avisando que tinha chegado. Respirei aliviada. Agora não estava mais

sozinha em casa. Agora tinha a melhor companhia do mundo para enfrentar a escuridão.



21

- Aqui em cima, mãe!

- Já subo. Só vou beber um copo de água, filha. Quer alguma coisa da cozinha?

Sinceramente, fiquei na dúvida se minha mãe tinha notado que a gente estava sem energia. Ela falava de um jeito como se nada estivesse acontecendo. E se movia pela casa como se todas as lâmpadas estivessem acesas. Não ouvi nenhum barulho de cadeira sendo arrastada, ou de ela tropeçando nos móveis, nem mesmo de objetos caindo. Tem horas que fico imaginando que ela é mesmo aquela supermulher que eu imaginava quando era criança.

- Que bom que você achou a lanterna, Nanda!

- Estava exatamente onde você sempre diz que está, dona Amália - respondi sem, é claro, confessar a ela todo o meu desespero até lembrar e encontrar a bendita.

- Nada como prestar atenção no que a mamãe fala, né? - Ela riu e, mesmo sem eu ter visto, tenho certeza de que deu uma piscadinha.

Mas parece que até a luz elétrica respeita a minha mãe. Não é que, pouquíssimo tempo depois de ela chegar, a energia ameaçou voltar? A luz acendeu por três segundos e apagou. Ainda fez mais duas ameaças em intervalos de alguns minutos, mas acabamos indo para a cama com tudo escuro mesmo.

- Boa noite, mãe! - gritei do meu quarto.

- Boa noite, filha! - ela respondeu.

Na verdade, acho que só queria me certificar de que não estava sozinha naquele breu. Mesmo estando no quarto ao lado, o simples fato de saber que ela estava ali me permitiu dormir mais tranquila.

Só tive certeza de que a luz tinha voltado normalmente quando já era de manhã e minha mãe veio me chamar para tomarmos café.

- Tá na hora de acordar... - Ela entrou no meu quarto cantarolando e escancarando as cortinas para deixar o sol iluminar totalmente o ambiente.

- Mãe, você sabe o significado da palavra férias? - resmunguei, cobrindo o rosto com o travesseiro.

- E preciso buscar o dicionário pra mostrar o significado da palavra Natal?

Não, ainda não era dia 24 de dezembro, mas era dia 23 e a gente precisava embrulhar alguns presentes, colocar nomes em outros, além de sair para comprar algumas coisas no supermercado.

Isso tudo porque a minha família, desde que a minha memória alcança, resolveu comemorar o Natal de um jeito meio diferente. Primeiro, ninguém compra presente para ninguém. A gente só dá presentes para quem quer (e é claro que ninguém fica sem presente, né?), mas eles têm que ser especiais, ou seja, ou cada um faz o presente que quer dar, ou inventa algo diferente. Quer ver um exemplo? No ano passado o tio Luiz, marido da tia Ana, deu de presente para ela uma poesia. Isso mesmo! Ele escreveu uma poesia e, na hora, colocou uma música instrumental bem romântica para tocar, ajoelhou-se, pegou na mão dela e declamou na frente de todo mundo. Eu nem sei dizer ao certo se a poesia era boa ou não, acho que não entendo muito do assunto, mas que foi uma choradeira danada, isso foi. Tia Ana ficou emocionada, a vovó suspirava a cada frase, tia Alzira, então, não conteve as lágrimas, e até o meu avô, que é o cara mais irônico que eu conheço, não conseguiu fazer brincadeira alguma.

Por causa disso, minha mãe faz questão de caprichar nos embrulhos. E alguns acabam ficando até mais interessantes e bonitos do que o conteúdo. Em especial, se o conteúdo tiver sido feito por mim. Sabe como é, né? Nem sempre filho de peixe é peixinho. Sou filha de uma artista plástica, mas parece que nasci com duas mãos destros (já que sou canhota).

Eu falei em primeiro, né? Isso porque, em segundo lugar, o cardápio também não é o tradicional de Natal. Pelo menos, não o que a gente vê

nos filmes e nas novelas. Nada de peru, presunto ou bacalhau. Na verdade, a cada ano elas, quero dizer, minha mãe, tia Ana, tia Alzira e a vovó, montam uma combinação de pratos e cada uma fica responsável por uma parte da ceia. Neste ano, minha mãe ficou encarregada de fazer uma salada com diversas folhas verdes, uns legumes que eu não lembro direito e camarão pequeno grelhadinho, com um molho de azeite com um monte de ervas das quais eu nunca tinha ouvido falar.

Eu nunca disse nada para dona Amália, mas todo ano fico com a impressão de que ninguém confia muito nos dotes culinários dela. Talvez porque sempre sobre a salada para ser feita aqui em casa?

– Então, mocinha! – Ela sentou-se na minha cama. – Vamos levantar, porque o dia hoje promete!

– E eu tenho alternativa? – Ri, abraçando minha mãe.

– Me deixar fazendo tudo sozinha e...

– E ouvir você lembrar isso o ano inteiro? Nunquinha!

Ela se levantou para me deixar sair da cama. Olhou para a mesinha e pegou o livro do José de Alencar.

– Você ainda está lendo isso?

– Devagar e sempre, como diz o vovô. – Dei de ombros. – Tem vezes que passo mais tempo no dicionário, ou relendo algum parágrafo, do que seguindo a história. Aí, às vezes tenho que voltar um ou dois capítulos pra pegar o ritmo.

E foi então que aquela foto que eu tinha pegado durante o apagão da noite anterior e levado para o meu quarto caiu no chão.

– Onde você achou isso? – ela perguntou sem tirar os olhos da foto.

Contei o que tinha acontecido, mas omiti o fato de ter pegado a foto propositalmente. Disse que pisei nela depois que já tinha fechado o armário e que deixei para guardar durante o dia.

– Sabe quem são? – minha mãe perguntou como se não tivesse ouvido uma palavra do que eu dissera.

– Pra ser sincera, nem olhei pra foto, mãe – menti.

Ela se aproximou de mim, esticou a foto e foi apontando.

- Esse é o Henrique, eu com você no colo, o Hermano e essa aqui é a Júlia.

Era a Júlia, como eu desconfiava. Uma mulher bonita, olhos verdes, cabelos lisos na altura dos ombros e bem morena, bronzeada de praia.

- Você era bem pequena nessa foto. Foi um pouco depois de eles mudarem pra casa aí ao lado. - Ela continuou: - Tá vendo esse vestido?

- Tô... - Não tinha entendido direito o motivo da pergunta.

- Era o seu favorito! - Ela riu. - Toda hora você pedia pra usar o vestido do elefante.

O tal vestido era rosa-claro, com um enorme bolso em forma de elefante na frente. Ah! E o elefante era roxo! Dá para acreditar que era o meu predileto?

- Sabia que ele ainda existe?

- O quê?

- Esse vestidinho, ora! - E foi me puxando para o quarto dela.

E foi a maior surpresa quando ela abriu aquela mala enorme que compramos numa feira de antiguidades havia alguns anos. Era uma mala de porão, como explicou meu avô uma vez, que no passado era usada em viagens de navio. Na verdade, parecia mais um baú, sei lá. O fato é que eu nem lembrava de ter visto minha mãe mexendo naquela mala-baú alguma vez. Achava até que estava vazia ou com cobertores ou algo do gênero. Mas o que ela guardava ali era bem diferente.

Entre diversos cadernos que pareciam ser especiais, já que tinham capas feitas a mão, algumas roupas que eu não conhecia, algumas coisas de bebê, que supus tivessem sido minhas, e um monte de badulaques completamente estranhos para mim. Um cheirinho de sabonete infantil inundou o ar quando ela abriu a mala-baú.

- Um dia eu te apresento e explico cada item que mora aqui dentro - minha mãe disse, acho que percebendo minha cara de surpresa e curiosidade. - Hoje só vou...

Ela foi afundando dentro daquela malona. Pensei até que iria se perder lá dentro.

- Achei! - gritou de repente, parecendo ter encontrado ouro num garimpo. - Está aqui! Eu sabia que não tinha jogado fora.

Tudo bem que o vestidinho não era a oitava maravilha do mundo, mas preciso reconhecer que fiquei emocionada com o simples fato de ela guardar com tanto cuidado coisas que faziam parte da minha história. E da dela também, é claro.

E foi assim, no clima da emoção da descoberta dos tesouros escondidos da minha mãe, que passamos o dia 23 de dezembro.

Primeiro saímos para comprar os ingredientes para a tão complicada salada que iríamos levar para a casa da minha avó no dia seguinte. Depois, fomos em busca de papéis, fitas e tecidos diferentes para embrulhar os presentes de Natal.

Pela primeira vez em anos, minha mãe ia dar peças de cerâmica para todos da família. Pode parecer mentira, mas ela nunca faz isso. Diz que a cerâmica, para ela, é trabalho e que presentear alguém precisa ser um ato de amor. Isso mesmo, dona Amália tem esses momentos filosóficos. Mas, neste ano em especial, não sei por quê, ela decidiu criar uma peça especial para cada membro da família. Pratinhos, potes, pequenas esculturas, vasos... cada um mais bonito e diferente que o outro. E cada um mais complicado para embrulhar do que o outro, diga-se de passagem.

De minha parte, além do colar lindo que fiz para ela com aquelas contas que comprei na loja de produtos artesanais do shopping, passei os últimos três meses cultivando algumas plantas para dar de presente às minhas tias e minha avó. Para tia Ana plantei alecrim, para minha avó, tomilho, e, para tia Alzira, hortelã.

Para o meu avô, eu fiz uma pasta de papel-cartão com divisórias para ele guardar as contas da casa; e, para o tio Luiz, encapei uma caixa de papelão e montei um kit engraxate, com flanela, escova e graxa de sapato. Ah! Já ia me esquecendo das gêmeas, Bárbara e Bianca, filhas da tia Ana e do tio Luiz. Para elas eu encapei duas agendas com tecido: uma rosa e uma lilás. E ainda escrevi o nome de cada uma com uma caneta especial, cuja tinta brilha no escuro. Quase fiz uma para mim também.

- Mãe, e essas peças aqui? - perguntei quando percebi que ainda sobravam quatro peças de cerâmica, depois que todas as da família já

estavam devidamente embrulhadas e com os nomes nos cartões.

- O vaso vermelho é para a Elvira, o azul para a Helena, a escultura mescladinha, para o Henrique. - Ela fez uma pausa e deu um suspiro. - E essa escultura verde, que lembra uma planta, é para o Hermano.

Ajudei a embrulhar esses também. Ela colocou os nomes em três cartões. Não colocou cartão nenhum na escultura verde. Arrumamos os presentes perto da pequena árvore de Natal que estava montada na sala. Discretamente, minha mãe colocou o presente do Hermano meio separado. Era como se ela ainda precisasse pensar uma, duas, quinhentas vezes antes de entregá-lo. Sei lá. E ainda dizem que adolescente é bicho complicado...



Amália lembrou-se a princípio de passar fora da Corte algumas semanas que faltavam para a viagem; mas pareceu-lhe melhor apressar de uma vez a partida para a Europa.

Com esta ideia, ergueu-se pela manhã, e saindo do seu quarto encaminhou-se ao gabinete do pai resolvida a fazer-lhe o pedido. Foi, porém, na sala de jantar que o encontrou em companhia da mãe.

Veiga abraçou a filha muito risonho; e, prendendo-lhe a loura cabeça no peito, pôs-lhe diante dos olhos uma carta aberta, na qual a moça reconheceu a letra de Hermano.

Antes que ela se recobrasse da surpresa e pudesse ler a carta, Felícia lhe comunicara sofregamente o assunto.

Era um pedido de casamento, no qual Hermano manifestava o desejo de obter pessoalmente de Amália o seu consentimento.

- Pode vir? perguntou o pai à filha depois que esta acabou de ler a carta.

- Ainda não, respondeu Amália agitada.

- Quando? disse d. Felícia.

- Quero pensar, mamãe.

A senhora, para quem Hermano agora era o homem mais sensato do mundo, fez à filha mui judiciosas observações acerca da conveniência

de apressar a decisão; e não se esqueceu de citar em seu abono o conhecido anexim que dá por transtornado o casamento adiado.

Amália persistiu não obstante; e com uma razão que desarmou a mãe.

*- Se é preciso que responda imediatamente, mamãe, recuso. É porque desejo aceitar, que peço a liberdade de refletir. Para dispor de minha vida inteira, não são muitos alguns dias*¹³.

Depois de um dia tão cheio com a minha mãe, o sono estava demorando a vir. Acho que entendi quando ela fala que às vezes vai para a cama tão cansada que nem consegue dormir direito. Então, para chamar o sono, decidi pegar o livro do José de Alencar. Doce engano!

Explico: é que foram capítulos e mais capítulos descrevendo a Amália e sua paixão platônica pelo vizinho. Aí eles finalmente se conhecem, começam um namoro muito do sem graça e ele diz que vai pedir a mão dela em casamento ao pai, mas se arrepende e muda o rumo da conversa no último minuto. Então, ela fica num estado lastimável, arrasada, na maior depressão. De repente, o tal do Hermano volta atrás e manda uma carta pedindo autorização ao pai da moça para casar com ela. O que eu poderia esperar? Que ela desse pulos de alegria e corresse para os braços dele, certo? E o que ela faz? Diz que vai pensar!!! Afinal, ela gosta ou não gosta dele? Está ou não apaixonada? Será que vou ser assim também?

A princípio fiquei tão irritada com a Amália do José de Alencar, que meus planos de ler para dar sono foram por água abaixo. Fritei de um lado para o outro na cama durante um tempão, fechando os olhos e, literalmente, vendo a cena da personagem fazendo cara de quem sabe o que vai responder, mas que quer deixar o outro na espera. Aí me dei conta de que ela estava com razão. Afinal, como é que podia confiar num cara que fica mudando de opinião e de atitude toda hora?

O fato é que acordei na véspera de Natal mais cansada do que estava quando fui me deitar, e o dia ia ser longo, e a noite, mais ainda. Pelo menos minha mãe me deixou ficar na cama até bem tarde.

Lá pelo finalzinho da tarde, coloquei os presentes no porta-malas do carro enquanto minha mãe terminava de arrumar algumas coisas lá no quarto dela, e fomos para a casa dos meus avós. Eu, sentada no banco do carona, claro, com uma travessa enorme de salada de camarão no colo e um medo imenso de que aquela coisa virasse e espalhasse folhas e camarões pelo carro todo. Pelo menos o molho estava em um vidro bem fechado, dentro de uma bolsa térmica.

Enquanto minha mãe manobrava o carro para sair da garagem, percebi que deu uma olhadinha para a casa do Hermano. Um carro estava estacionando na porta. Parecia ser a Helena com o marido. A gente já estava começando a se afastar de casa, quando olhei pelo espelho retrovisor do meu lado e vi um garoto saindo do carro deles. Ou eu estou completamente maluca, ou era igualzinho ao Nuno! Vestido de preto e tudo.

Não fomos as primeiras a chegar, mas também não fomos as últimas. A tia Ana já estava lá com a família inteira. Tia Alzira, como sempre, já havia telefonado avisando que ia se atrasar um pouquinho.

A casa dos meus avós é enorme, com um quintal maravilhoso, uma pequena casa anexa e um jardim cheio de flores que é o orgulho do meu avô. É quase um pequeno sítio na serra. Em situações como a de hoje, todo mundo dorme por lá mesmo, para não precisar pegar estrada no meio da madrugada.

Eu e minha mãe ficamos no quarto que era dela. Tia Ana, tio Luiz e as gêmeas ficam na casa anexa. E a tia Adélia dorme no sofá-cama do escritório. E todas as vezes minha avó faz o seguinte comentário: *Por enquanto pode ser assim, mas, no dia em que Amália e Adélia resolverem se casar, teremos que reorganizar os quartos.*

Coitadinha da minha avó, ainda acha que a tia Adélia vai largar a vida independente dela e as inúmeras viagens que vive fazendo a trabalho para se casar e ter filhos. E, quanto à minha mãe, se não casou de novo até agora, depois de tantos anos viúva, acho difícil que se case algum dia.

Depois de um lanchinho de recepção, minha mãe e tia Ana foram para a cozinha organizar os comes e bebes da ceia. Tia Adélia chegou logo depois e foi ajudar. Eu e minhas primas ficamos no quintal conversando. Sabe, elas são bem mais novas, mas por algum motivo, que eu não sei qual é, quando a gente conversa eu até esqueço a enorme diferença de idade que existe.

Então, de repente, a maior movimentação: meu avô e tio Luiz resolveram montar uma mesa grandona no meio do gramado do quintal.

- Está uma noite linda, estrelada, e a lua cheia torna tudo mais mágico ainda! - comentou minha avó, justificando a mudança de planos.

Mesa montada, eles começaram a levar as cadeiras para depois preparar as tochas de jardim para serem acesas. Enquanto isso, minha avó convocou a Bárbara para ajudar com a toalha de mesa e essas coisas, e eu e Bianca teríamos que buscar pratos, copos etc. na cozinha e levar para o quintal.

- Que lindo! - ouvi tia Ana dizendo.

- Bem romântico... - tia Adélia respondeu.

- Pois é... - minha mãe comentou. - Mas preciso pensar...

E elas se calaram no mesmo instante em que perceberam a nossa chegada. Mas se calaram, do mesmo jeito que a gente faz quando está conversando entre amigas e a mãe de uma de nós chega.

Pegamos os pratos e voltamos para o quintal. Bianca ficou ajudando vovó e Bárbara, enquanto fui buscar os talheres.

- Será que você se acostumaria depois de tanto tempo? - tia Adélia perguntava.

- Não sei, preciso pensar muito e... - Minha mãe se virou e me viu. - Talvez se a gente usar aquela travessa ali. - Ela apontou.

- Travessa?! Que história é essa de travessa? - Tia Ana estava de costas e não entendeu na hora o motivo de minha mãe mudar de assunto assim tão descaradamente.

Fingi que não entendi, até porque não estava entendendo nada mesmo. Abri a gaveta, peguei os talheres e saí. É claro que eu estava curiosíssima para saber do que estavam falando, que eu não podia ouvir, mas, conhecendo a cumplicidade que existia entre as três, eu não iria conseguir saber nada, a menos que ficasse escutando escondida atrás de alguma porta. Mas a casa estava cheia demais e a possibilidade de alguém me flagrar era enorme.

Dei de ombros e continuei fazendo o que minha avó tinha mandado.

Mas ainda faltava buscar os copos, então tentei entrar na cozinha o mais lenta e silenciosamente possível. Dessa vez, minha mãe estava de costas para a porta.

– ...sem falar que eu não sou sozinha, né? Preciso pensar...

– Na sua exposição, claro! – Dessa vez quem cortou o assunto foi tia Ana.

Continuei me fazendo de desentendida e peguei dois copos, até porque só tenho duas mãos, né?

– Deixa eu facilitar seu trabalho, Nandinha.

Tia Adélia pegou um tabuleiro, daqueles que se usam para fazer assados, e colocou todos os copos necessários nele, como se fosse uma bandeja.

– Assim você não vai precisar fazer tantas viagens entre a cozinha e o quintal, não é mesmo? – Ela riu.

– Sabe que você pensa em tudo, tia?

Eu ri, mas estava furiosa por dentro, porque ela tinha conseguido acabar com a minha desculpa para voltar mais um monte de vezes à cozinha e continuar tentando entender aquela conversa misteriosa.

A mesa estava quase pronta quando voltei com os copos.

– Fernanda, querida – minha avó falou enquanto liberava o tabuleiro –, sem querer explorar você, mas é mais nova e tem mais disposição... – Ela riu. – Volta lá na cozinha, por favor, e peça às meninas as taças de vinho do meu enxoval, que elas sabem quais são.

Precisei me controlar para não dar pulos de alegria. Mais uma chance! U-hu!!

- ...já contou? - tia Adélia estava perguntando.

- Com certeza não. É por isso, e por outras coisas que...

- Você preferiu fazer a salada de camarão, né? - tia Ana cortou novamente a conversa.

- Vovó pediu as taças de vinho do enxoval - avisei, tentando não demonstrar que estava entendendo que elas não queriam que eu escutasse a conversa.

- Uau! - Tia Adélia se mostrou surpresa. - Acho que temos mais alguma comemoração, além do Natal, é claro!

- Por quê, tia?

- Minha querida, a mamãe só usa essas taças quando quer brindar algo muito especial - ela explicou enquanto pegava as taças na cristaleira do corredor.

- O que será? - insisti.

- Estamos tão curiosas quanto você, Nandinha - tia Ana respondeu.

Levei as seis taças com cuidado redobrado. Nem preciso explicar por quê, né?

Devo dizer que foi um Natal bem interessante e diferente. E, para encerrar a noite, meus avós comunicaram que a virada de Ano-Novo, pela primeira vez, não seria na casa deles. Motivo? Tinham decidido comemorar as bodas de ouro com uma viagem de navio e passariam o *réveillon* no mar.

- Sonhamos com isso há muitos anos - explicou meu avô. - E cinquenta anos de casamento só se faz uma vez na vida, não é?

Fiquei superfeliz por eles, embora não tivesse a menor ideia de como seria uma passagem de ano fora da casa dos meus avós.

Por outro lado, os presentes foram o máximo. Os nossos, meus e de minha mãe, fizeram o maior sucesso. E amei cada um dos que ganhei. Minhas primas fizeram um porta-retratos lindo. Tia Adélia me deu um vaso com uma árvore da felicidade que, segundo disse, era filha da que ela tem em casa. Meus avós me deram umas almofadas fofas feitas pela vovó, é claro, para eu colocar na minha cama. E da tia Ana e do tio Luiz ganhei uma caixa de joias, porque o hobby do meu tio é marcenaria e o da minha tia é pintura em madeira.

Mas o presente mais curioso veio de dona Amália: ela me deu uma chave com um chaveiro de cerâmica onde estava escrito, simplesmente, *história* e disse que eu entenderia quando chegássemos em casa e eu entrasse no meu quarto. E aquilo tirou o meu sono. Nunca uma noite na serra foi tão longa e meu sono, tão agitado.

Minha mãe nem tinha desligado o carro ainda na garagem de casa e eu já estava correndo para o quarto. Um lindo baú de madeira, todo pintado a mão bem no estilo das cerâmicas de dona Amália me esperava em frente à minha cama, com um enorme laço de fita vermelha.

– É para você guardar os pedacinhos de sua história que for juntando pelo caminho – ela disse, parada à porta, enquanto olhava a minha cara de maravilhada com aquele presente.

– Que nem você faz com aquele malão lá do seu quarto?

– Isso mesmo. Mas você é quem vai escolher cada objeto que merecer ficar guardadinho aí. E só vai mostrar para quem quiser, e quando quiser.

Abracei minha mãe de um jeito como eu não abraçava fazia tempo. Não era pelo baú, mas pela demonstração de carinho, respeito e liberdade que ela estava me dando. E isso, para mim, era o mesmo que ouvi-la reconhecendo que eu não era mais uma criancinha.

De repente, parei e fiquei olhando fixo para dona Amália, com olhar de interrogação.

- O que foi, Nanda?

- Eu só não entendi como é que esse baú veio parar no meu quarto! Ele não tava aqui ontem quando saímos. Entrou alguém aqui em casa enquanto a gente tava na casa da vovó?

Ela riu.

- Não é nada disso. Ninguém entrou aqui. Lembra quando pedi a você para ir colocando os presentes no carro porque eu tinha esquecido uma coisa no meu quarto?

- Hã...

- Pois o que eu havia esquecido... - ela fez sinal de aspas com as mãos - foi colocar o baú onde está agora.

- Mas eu não vi nada!

- Não. Nem podia, senão estragaria a surpresa, né? - Ela piscou. - Pedi ao Luiz para fazer esse baú há uns meses. Fui buscar num dia em que você tinha aula de francês e o mantive escondido no ateliê.

- É, mãe, não é difícil esconder alguma coisa no seu ateliê... - provoqueei.

- Viu como uma baguncinha às vezes é útil?

- Você não acha isso do meu quarto...

- É diferente. Bem, fui pintando aos poucos quando você não estava em casa. Simples assim.

Ela me deu um beijo na testa e me deixou sozinha com o presente. Fiquei olhando para o baú, imaginando qual seria a primeira coisa que ia guardar dentro dele.

O telefone tocou. Fui atender, mas minha mãe foi mais rápida, e eu só a ouvi dizendo:

- Está bem. Mais tarde a gente se encontra... Não... agora estou com a Nanda, acabamos de chegar da serra... eu imagino que você tenha visto, claro!... OK... outro. - Ela desligou.

De repente, voltei no tempo e me lembrei de todos os pedaços de conversa que ouvi entre ela e minhas tias. Será que estavam falando do Hermano? Será que esse cara está querendo alguma coisa com a minha mãe? E será que ela está gostando dele? Bem, eu sei que ela tem o direito de ser feliz, de namorar um cara legal, até mesmo de casar de novo, mas eu juro que se aquele tal de Hermano magoar dona Amália vai ter que se ver comigo!

Nem sei por que eu estou pensando nisso. Melhor pegar os meus presentes e ajudar minha mãe a guardar as coisas que trouxemos da casa dos meus avós.





Nesse impulso, Hermano se lançara na realidade, fascinado pela beleza da desconhecida; mas em breve a ilusão desvanecera-se. O homem regenerado pelo amor casto de Julieta não podia corromper-se numa lição impura. Passada a alucinação, tornara ao seu culto.

“– Foi então que ele, despertado pela recordação da mulher, e crendo em mim outra Julieta, começou a amar-me, pensava Amália; e talvez esse amor o tenha salvado, dando-lhe forças para reabilitar-se. Sem ele, sem um afeto que o obrigue e o ampare, não se deixará dominar ainda pela beleza fatal daquela mulher, ou de outra como ela? E poderá reerguer-se da nova queda?”

A moça decidiu então na generosidade de seu amor votar-se à guarda e arrimo desse homem infeliz pela exuberância de sua alma.

“– Mas, se o amor que inspirei, e que ele sinceramente acredita sentir por mim, não for mais do que um capricho efêmero, um reflexo apenas da paixão que tem por Julieta? Quando dissipar-se o encanto, me perdoará ele ter profanado o culto da esposa e rompido para sempre o elo que o prendia à primeira e única mulher amada? Não terei eu sacrificado a minha vida, não para dar-lhe a felicidade, mas para fazer a sua desgraça?”

Era esse o grande problema do seu destino. Amália bem o compreendia; e, sem deliberação para resolver por si, deixava isso ao tempo, esperando uma inspiração do céu. Entretanto passavam os dias; aproximava-se a época da viagem; e talvez fosse esta o melhor e o único desenlace.

Toda essa hesitação, bastou um olhar para dissipá-la. Amália, indo com a mãe à cidade, encontrou Hermano e não pôde resistir ao gesto de doce resignação com que ele a saudou.

“É o meu destino”, pensou a moça. “O meu e o seu.”

Respondeu ao cumprimento, parando para falar-lhe; e na despedida, ao apertar-lhe a mão disse:

- Até a noite.

Ao escurecer, quando Hermano chegou, Amália o esperava no jardim. Antes que ele proferisse qualquer palavra, a moça, espontaneamente e como se continuasse um diálogo não interrompido, entregou-lhe a mão, dizendo:

- Com uma condição.

- Qual?

- Se até o último instante eu perceber o menor sinal de arrependimento ou mesmo de hesitação, fica-me o direito de restituir-lhe a liberdade.

- Duvida de meu amor, Amália? Depois de ter-lhe dado a maior prova? tornou Hermano magoado. Que conceito lhe mereço então ¹⁴?

É, por mais doido que possa parecer, eu até dou certa razão à Amália do Alencar. Imagina, naquela época, casar com um homem que vai passar o resto da vida pensando na mulher que morreu? Se fosse hoje em dia, ela até poderia se separar dele, mas, no tempo do Alencar, acho que nem existia divórcio, nem a possibilidade de uma separação. Já cansei de ouvir minha avó dizendo que, quando era jovem, uma mulher que se separasse do marido era considerada vadia. *No meu tempo, casamento era para sempre, doesse a quem doesse, custasse o que custasse.* Ela repete sempre que fica sabendo de algum divórcio na família ou entre amigos.

Nesse caso então, quer dizer, no livro, o José de Alencar se colocou no lugar da Amália. Como será que ele conseguiu? Será que entrevistou garotas dessa idade? Será que ele teve uma irmã ou prima que passou por isso? Hum... isso é um trabalho para depois: pesquisar sobre a vida do José de Alencar e descobrir como é que ele fazia para se colocar no lugar das personagens mulheres.

Eu já ia ligar meu computador para começar a pesquisar tudo isso, quando a dona Amália aqui de casa entrou no meu quarto, toda arrumada.

- Vai sair? - falei espantada.

- Vou.

- Com o Hermano? - perguntei sem saber de onde tinha tirado coragem.

- É.

- Mãe, você tá namorando o Hermano?

Ela ficou parada alguns segundos, acho que sem acreditar muito no que eu tinha perguntado. Então, chegou mais perto e sentou-se no banquinho perto da poltrona onde eu estava sentada.

- Mais ou menos - ela respondeu com um suspiro.

- Então você tá ficando com ele... - Eu tentava entender.

- O que é isso, Nanda! - ela se assustou.

- Mãe, na minha turma, se você tá namorando mais ou menos, quer dizer que tá ficando, ora! - expliquei.

- Ah, filhota - ela riu -, você me vem com cada uma!!

Pela resposta dela, entendi que estavam ficando, sim. Mas sabe como são esses adultos, né? Não admitem nunca!

No dia seguinte, dona Amália acordou mais tarde que de costume. Aliás, bota tarde nisso, porque eu já tinha tomado café da manhã, e olha que eu não levantei nada cedo.

- Bom dia, flor do dia! - brinquei com ela quando desceu a escada.

- Bom dia, filhota! Acho que dormi mais do que a cama hoje. - Ela riu.

- Pois é, né, dona Amália! Se fosse comigo, eu já estaria de castigo por sei lá quanto tempo!

- Ainda bem que você sabe, né mocinha? - Me deu um beijo na testa e respirou fundo. - Hum... que cheirinho bom de café!

- Achei que você ia gostar de um café fresquinho quando acordasse.

- Parece até que leu os meus pensamentos, filha! - disse enquanto servia uma bela caneca de café.

Ela se sentou, olhou para mim daquele jeito de quem vai falar alguma coisa que não sabe se o outro vai gostar, entende?

- Nanda, sobre a virada do ano...

- Já sei - interrompi -, vamos passar com o Hermano.

- Mais ou menos. - Ela ficou meio incomodada com o modo que eu falei. - Na verdade, minhas irmãs virão passar a meia-noite aqui em casa, e o Henrique, a Helena e a família irão para a casa dele.

- Então vocês estão planejando um *réveillon* em família? - Eu ri.

- Ainda não sabemos direito como será, mas a ideia é, de certa forma, juntarmos todo mundo.

- Você acha que vai dar certo, mãe?

- Estou torcendo, filhota. Estou torcendo.

E eu também, pensei. *Sinceramente*. Na verdade, eu não sei se estava torcendo para que eles namorassem de uma vez, mas naquele momento tudo o que eu queria era que a festa de Ano-Novo fosse o mais legal possível, em especial porque seria a primeira vez que passaríamos a virada de ano fora da casa dos meus avós, e queria que fosse especial.

A semana foi intensa com os preparativos. É claro que minha mãe e as irmãs dela combinaram dividir as tarefas para ninguém ficar sobrecarregado, mas o simples fato de ser aqui em casa fez com que ficássemos com o trabalho extra. E, para completar a trabalheira, a Arlete estava de férias, o que significava que eu e dona Amália teríamos que dar conta de deixar a casa limpa e arrumada para o grande dia. Ou melhor, para a grande noite.

Mas a gente fez bonito. No dia 31, a casa estava “um brinco”, como minha avó gosta de dizer, e, não bastasse isso, toda enfeitada. Jarros com flores, lanternas de jardim e até bolas de encher brancas. Aliás, falando em bolas brancas, não sei se o Hermano copiou nossa ideia, ou se combinou com minha mãe, mas o fato é que cobriu a piscina com bolas brancas. Vi da janela do meu quarto quando ele as estava enchendo.

Confesso minha ansiedade, contando os minutos para todos chegarem, e acabei me arrumando cedo demais.

Ouvi uma buzina e corri para a porta: era tia Adélia chegando. Fui ajudar a tirar as coisas do carro. Na casa ao lado, um carro também tinha acabado de estacionar. Vi a Helena e um homem, que devia ser o marido dela, ao lado do carro. A mala estava aberta e alguém tirava coisas lá de dentro: provavelmente o filho deles, mas não deu para ver direito.

Tudo estava indo muitíssimo bem. Nós na nossa festa, e eles, na do Hermano. Até que, do nada, todo mundo resolveu ir para a casa ao lado. E não me restou outra opção a não ser acompanhar a família.

Se, por um lado, fiquei meio contrariada com a ideia de dividir aquele momento tão legal com a família do Hermano, por outro, era a primeira vez que eu entraria na casa do vizinho estranho. Quer dizer, que euzinha aqui achava estranho, principalmente depois de tudo o que tinha visto pela varanda do meu quarto.

Na hora em que passei pela porta, todas aquelas cenas vieram à minha cabeça: o cara posando no jardim como se estivesse acompanhado, a mulher no quarto da cortina verde, as caixas enormes que chegaram na casa meses atrás, a história da mulher dele que fugiu sem deixar rastro. Eu juro que tentei disfarçar ao máximo, mas queria muito olhar cada detalhe da casa à procura de pistas sobre quem realmente era aquele homem que estava cada vez mais próximo de minha mãe. Me lembrei do comentário da Arlete sobre os porta-retratos sem fotos, só que não vi nenhum, pelo menos, não na sala, nem em qualquer outro lugar do térreo.

– Montamos as mesas com comida e bebida à beira da piscina, aproveitando que a noite está linda. Vamos lá para fora? – Hermano convidou com um sorriso no rosto que eu nunca tinha visto antes.

As gêmeas saíram correndo: acho que estavam ansiosas para olhar mais de perto a piscina coberta de bolas. Tia Ana cutucou o marido:

– Corre atrás delas, Luiz. – Mas ele não deu muita bola.

Ri com aquela cena. Sabe, acho que tem horas que a minha tia esquece que as filhas não são mais bebês; que não vão colocar o dedo na tomada ou puxar a toalha da mesa e jogar tudo no chão. E, cá entre nós, com certeza não era com a piscina que ela estava preocupada, até porque minhas primas nadam muitíssimo bem; fazem nado sincronizado há muito tempo e sonham em disputar uma Olimpíada! É, cada um tem o sonho que quer, não é mesmo?

Olhei a minha volta à procura de minha mãe. Lá estava ela, ao lado do Hermano, como se estivesse recebendo os convidados junto com

ele. Senti um apertinho no coração. Qualquer um diria que eram ciúmes de filha única, mas o que eu sentia era medo de que ela estivesse gostando dele de verdade. Por isso decidi que precisava agir rápido. E agir significava descobrir os segredos que, eu tinha certeza, aquele cara escondia. Mas... como?

Como não vi os porta-retratos sem fotos que a Arlete havia mencionado, olhei para a escada. Não tinha nenhuma boa desculpa para subir e tentar entrar no quarto da cortina verde. Procurei observar cada canto do jeito mais discreto possível. Na minha cabeça, apenas um objetivo: mostrar para minha mãe o quanto o Hermano era estranho.

De repente, tudo isso sumiu por completo da minha mente. Gelei. Tremi. Corei. Exultei. Emudeci até os pensamentos.

- Fernanda - a voz do Henrique acompanhou a mão que pousou no meu ombro -, você já conhece meu sobrinho Nuno?

Eu estava em estado de quase choque! Aquele garoto, que era um mistério para mim desde o início do segundo semestre, era sobrinho do vizinho misterioso que queria namorar a minha mãe! Mistério demais para uma família só.

Passada a surpresa inicial, me dei conta de que, naquela situação, o Nuno não tinha como fugir de mim. Será que, finalmente, eu desvendaria o segredo que rondava o menino?

- Nuno - Henrique continuou -, quero te apresentar a Fernanda, filha da Amália.

Pela expressão no rosto dele, o Nuno parecia estar mais em choque do que eu. Seus olhos verdes estavam arregalados, parecendo um leopardo acuado que eu tinha visto dias atrás num documentário na televisão. Era como se tivesse percebido que não teria como escapar.

E, nesses poucos segundos que pareceram uma eternidade, decidi que não ia deixar transparecer a minha curiosidade. Não tinha desistido de querer saber tudo sobre ele, mas era certo que, se ficasse fazendo milhares de perguntas, não chegaria a lugar algum.

- Oi, Nuno. - Abri um sorriso amigável.

- Olá, Nanda, como estás?
- Você fala! - disse, sem querer, é claro!



Quase caí dura! Primeiro, porque a voz do Nuno era linda, quase como a de um locutor de rádio. E, em segundo lugar, porque tinha um sotaque melodioso que não tentou disfarçar. Com um simples “oi”, eu havia resolvido a primeira charada: *Será que o Nuno é mudo? Ou tem algum defeito na voz que não quer que ninguém saiba?* Nenhuma das opções anteriores. Mas ainda faltava descobrir por que ele não abria a boca na escola e vivia fugindo de todo mundo.

De um jeito natural, sem que ninguém dissesse nada, fomos em direção àquele banco onde eu tinha visto o Hermano fotografar e falar como se estivesse acompanhado. Sentamos e ficamos calados, observando as famílias se divertindo e se preparando para a virada do ano.

De repente, começou a contagem regressiva.

- Dez! Nove! Oito! Sete! Seis! Cinco! Quatro! Três! Dois! Um! FELIZ ANO-NOVO!!!

- Feliz Ano-Bom, Nanda.

- Feliz Ano-Novu, Nuno.

A rolha da garrafa de champanhe que o Henrique estourou caiu bem entre nós dois. Peguei-a discretamente. Seria a primeira coisa a morar no meu baú. E logo começou aquele monte de abraços e beijos para todos os lados, e todos desejando aquelas coisas que se deseja na virada do ano, ou seja, paz, amor, saúde, sucesso...

Quando percebi, já tinha perdido o Nuno de vista. Droga! Eu já estava quase esquecendo que a Helena havia convidado todo mundo para almoçar na casa dela no dia seguinte.

Bebi guaraná demais, pensei e entrei na casa em direção ao banheiro.

– Use o lá de cima, Fernanda – Helena disse, saindo da cozinha. – A descarga desse aí disparou e o Hermano precisou fechar a água no registro.

– Lá em cima?

– Isso mesmo. Tem um logo perto da escada e outro no quarto do Hermano.

– Que nem lá em casa. – Ri meio sem graça.

– Exatamente – ela respondeu já saindo para o quintal.

Devo confessar que era uma sensação muito esquisita subir aquela escada. Um arrepio ia percorrendo a minha espinha a cada degrau. Não tenho a menor ideia do que esperava encontrar, mas fazia tempo que eu estava convivendo com os mistérios que rondavam a casa e seu dono.

Parei no pequeno hall do segundo andar. À minha frente, a porta do banheiro, à esquerda, aquela que devia ser a do quarto da cortina verde. As duas fechadas. Uma força quase magnética me atraía para a maçaneta do quarto, mas mesmo morrendo de curiosidade eu tinha um medo enorme de ser pega em flagrante, mas um maior ainda de ser pega em flagrante pela minha mãe. Ela parecia feliz ao lado do Hermano, e eu não queria acabar com a felicidade dela a menos que tivesse provas concretas de que algo muito estranho acontecia naquela casa.

Milhares de coisas estavam passando pela minha mente quando, sem mais nem menos, a porta do banheiro se abriu.

– Oi, tia!

– Tudo bem, Nanda?

– Tudo, eu só tava esperando o banheiro ser liberado. – Sorri, agradecendo por dentro por não ter cedido ao impulso de abrir a porta

do quarto da cortina verde. – Com esse calor todo, bebi refrigerante demais, né?

Eu ia precisar de outra oportunidade para tentar entrar naquele quarto e descobrir o que de tão misterioso existe ali dentro.

O primeiro dia do ano amanheceu com céu azul e sol brilhando. Li em algum lugar que isso é sinal de um bom ano, mas, como diz o meu avô, prefiro acreditar que bom ano é aquele em que a gente se esforça para fazer ser bom. E eu acordei decidida a me esforçar.

A Helena havia convidado todo mundo para almoçar na casa dela e, é claro, não seria um almoço cedo, afinal, a festa da virada do ano tinha ido até o dia amanhecer.

Acordei com preguiça. Levantei em câmera lenta e, instintivamente, olhei a janela da cortina verde. Estava fechada, como quase sempre. Dei de ombros, não queria pensar nos mistérios do Hermano. Pelo menos, não queria pensar nisso hoje. No primeiro dia do ano.

Minha mãe estava animadíssima. Quando desci, tinha preparado uma mesa de café da manhã que mais parecia com as das fotos dos hotéis. Tinha mamão cortadinho, café, leite, dois tipos de pães, torradinha, queijo amarelo, queijo branco, patês. É bem verdade que a maioria era sobra da noite anterior, mas, independentemente disso, o fato é que dona Amália havia arrumado a mesa como se estivéssemos recebendo visitas.

– Quando acabarmos aqui, você me ajuda a arrumar tudo, por favor, filhota? Ainda precisamos nos aprontar para o almoço, né?

– Já?!

– Não precisa ser correndo. – Ela riu. – Mas não quero relaxar demais para não ficarmos atrasadas. Combinei com o Hermano...

– A gente vai com ele?! – Eu perguntei assustada.

– Claro! Não vejo motivo para irmos em dois carros, se vamos para o mesmo lugar e somos vizinhos.

É, a coisa entre a minha mãe e o Hermano estava ficando mais séria do que eu imaginava. Em outros tempos ela nem iria pensar em pegar uma carona, porque sempre diz que preza a sua independência acima de tudo e que prefere ter a liberdade de ir e vir quando bem entender.

Mas desta vez ela falou de um jeito tão natural que até fiquei assustada.

Já passava das duas da tarde quando ouvi a buzina do carro do Hermano nos chamando.

- Está pronta, Fernanda?

E lá fomos nós. Eles dois na frente, quase esquecendo que eu estava no banco de trás.

O apartamento da Helena não ficava muito longe lá do condomínio. Com um pouco de boa vontade e tempo, dava até para ir a pé. Nem sei por que o Nuno ia para a escola de bicicleta. Era perto demais!

Aliás, falando em Nuno, fiquei muito surpresa com o sorriso que ele abriu na hora em que cheguei. Fomos para a varanda e ficamos conversando durante um tempão. Descobrimos que temos muito mais em comum do que imaginávamos: gostamos das mesmas músicas e bandas, e dos mesmos filmes, mesmo ele preferindo os de ficção científica e eu os de ação.

- E como foi morar em tantos lugares diferentes? - Eu estava curiosa.

- Bom e ruim ao mesmo tempo.

- Como assim?

- Pois, é bom porque sempre estou a conhecer lugares e formas de viver diferentes, porém o lado ruim é que, quando começo a fazer amizades e dominar melhor o idioma, meu pai recebe a notícia da transferência e é preciso começar tudo outra vez.

- Mas ele precisa aceitar a transferência? Não pode simplesmente dizer não? - perguntei indignada.

- Isso lá bem gostaria eu, mas, quando se trabalha no corpo diplomático, as coisas não são do jeito que a gente quer. Pelo menos os lugares onde temos vivido são interessantes e pacíficos. Imagina que ele poderia ser transferido para uma zona de conflito, ou um país sujeito a ataques terroristas, por exemplo.

De certa forma ele tinha razão. Eu também não iria querer morar onde tivesse que viver com medo de ser atingida por uma bomba.

- E seus amigos? - Queria saber mais.

- Bem, de muitos nunca mais tive notícias, mas com alguns poucos mantenho contato pela internet.

- Antes do Natal a Tati viu você no shopping com uns caras, falando uma língua que ela não sabia qual era.

- Ah! - Ele deu um risinho que me deixou arrependida de ter falado aquilo. - Eram o Andor e o Izsák. São gêmeos e fomos juntos à escola na Hungria. Estavam aqui a passear enquanto o pai participava de um congresso.

- Então vocês estavam falando em húngaro?

- Eles sim. Eu aprendi muito pouco, porque só ficamos dois anos por lá, mas procuro evitar falar em inglês com eles, pois prefiro não perder o pouco de húngaro que sei.

- Então é por isso que você não quer fazer amigos na escola? Porque já fala português muito bem? - brinquei.

Mas a minha brincadeira não foi nada bem-vinda. O Nuno desmanchou o sorriso e baixou os olhos.

- Está na mesa! - Helena avisou, surgindo na porta da varanda. E o assunto se encerrou por ali.

O restante da tarde, passamos conversando na sala, junto com todo mundo. E eu comecei a pensar que teria de me acostumar com aquela família. Não fosse pela minha mãe e o Hermano, pela tia Adélia e o Henrique. Não. Eles não estavam namorando, mas ele não saía do pé dela. E a minha tia parecia estar gostando muito.

Voltamos para casa e não consegui tirar da minha cabeça a cena do Nuno se retraindo todo quando eu falei sobre a escola. E me peguei ansiosa por outra ocasião “em família” para poder retomar a conversa que ficou pela metade. O grande problema para mim é que essa nova oportunidade iria demorar um bocado de tempo.

O ano começou agitado na minha casa. Faltava pouco mais de um mês para a exposição da minha mãe. Seria logo após o carnaval e eu podia notar o seu nervosismo. Era a primeira vez que faria uma exposição individual tão grande e com tanta gente importante convidada. A Elvira tinha decidido colocar a dona Amália “na primeira linha do circuito internacional”, como dizia.

O Hermano passou a frequentar a nossa casa cada vez mais. Sempre que podia, jantava conosco ou levava a minha mãe para relaxar assistindo a uma peça de teatro ou um filme. E isso estava fazendo muito bem a ela.

Eu já quase tinha me esquecido do quarto da cortina verde quando, numa noite, no meio do carnaval, novamente os flashes vindos daquela janela chamaram a minha atenção. A cada flash, eu podia ver claramente a silhueta da mulher da noite da tempestade. E meu coração apertou de novo. Será que minha mãe estava envolvida com algum tipo de maníaco? A gente vê tanta coisa na televisão... Queria sair correndo e mostrar a ela o que estava acontecendo do outro lado do muro, mas dona Amália estava com a Elvira no ateliê, cuidando dos últimos detalhes, e eu não iria deixá-la mais nervosa do que já estava.

De repente, me lembrei, não sei como, de um trecho do interminável livro do José de Alencar. Um em que Amália e a mãe vão conhecer a casa do noivo.



Poucos dias antes da época marcada para o casamento, d. Felícia, a pedido do noivo, fez com a filha uma visita à casa que já se achava preparada. Nessa ocasião Amália foi assaltada por uma ideia que ainda não lhe tinha ocorrido, e que a fez estremecer.

A mãe falara do seu toucador e quarto de dormir. Estas palavras desenharam em seu espírito pela primeira vez a realidade doméstica de

sua futura posição naquela casa. Ela vinha substituir outra mulher que ali fora dona e senhora antes dela.

Seus aposentos seriam os mesmos aposentos de Julieta, fechados desde a morte desta e respeitados durante cinco anos como um santuário?

E teria ela, Amália, a coragem de profaná-los como o fizera uma dessas mulheres, que não conhecem a santidade da família?

Capítulo 14

Depois de pequena demora na sala, Hermano convidou as senhoras para verem o interior da casa.

- Em primeiro lugar o toucador, disse d. Felícia, que pretendia aferir a ventura da filha pelo luxo desse aposento especial.

Amália que passara adiante dirigia-se para o lado do edifício em que ela sabia desde muito achar-se a sala que servira de toucador a Julieta. Hermano, porém, adiantou-se com visível precipitação e tomou-lhe a passagem.

- Por aqui, Amália, disse ele um tanto perturbado e indicando com o gesto a direção oposta.

Aí estavam efetivamente os aposentos da noiva, onde a arte reunira todas as comodidades domésticas sob a forma mais graciosa, dando à riqueza dos móveis os realces da elegância.

Enquanto d. Felícia regozijava-se com esse luxo, que esperava encontrar, e distribuía os seus elogios a cada peça, Amália observava silenciosamente, estudando com uma prevenção que não podia vencer o aspecto e arranjo do aposento que lhe estava destinado ¹⁵.

Acredito que aquele pedaço da história ficou gravado na minha mente, porque achei muito estranho ele falar do quarto da noiva, como se ela não fosse dormir no mesmo quarto que o marido. Devia ser costume da época, sei lá. O fato é que ali, bem em frente à minha varandinha, estava não o quarto da mulher desaparecida do Hermano

da vida da gente, mas o ateliê dela. E com a cortina que ela própria tinha instalado pouco antes de sumir. E, de novo, alguma coisa estranha acontecia por trás daquela cortina.

Meus pensamentos foram interrompidos quando minha mãe entrou.

- Tudo bem, Fernanda?

- Ahã...

- O que você está olhando com tanta atenção?

- Nada - menti, dando de ombros e me afastando da varanda.

- Hum... Tem certeza? - Ela riu, disfarçando a desconfiança.

- Absoluta. - Abracei dona Amália com a força e o carinho de quem está querendo proteger o outro.

- Então, vem comigo até o ateliê que eu quero mostrar uma coisa.

Era uma peça diferente de tudo o que eu já tinha visto minha mãe criar. Um tipo de escultura. Um formato meio indefinido. Lindo. Mas, acima de tudo, era uma peça que, eu não sei explicar como, me fez pensar em carinho, em união, em afeto.

Quem ouve assim pode achar que eu estava ficando maluca ou coisa parecida, mas eu juro que foi isso o que senti na hora em que ela tirou o pano preto que cobria a escultura.

- Que tal? - Dava para ver o brilho no olhar dela.

- Emocionante - respondi baixinho.

- Jura? - Ela suspirou aliviada.

- Por quê?

- Ah, filha! - Ela passou o braço pelos meus ombros. - Essa escultura de formato meio indefinido, para mim é pura emoção. E eu quero que os outros sintam a mesma coisa. Entende?

Era como se, pela primeira vez, eu, de fato, estivesse conseguindo entender toda aquela conversa *artistiquesa* da minha mãe. E estava sendo muito legal.

- Vai colocar na exposição?

- Ainda não sei. O catálogo já está pronto, não sei se é de bom tom expor algo extra. Além disso, esta peça não está à venda.

- Presente para o Hermano? - provoqueei.

- Talvez... - Ela suspirou. - Quem sabe? - E, depois de um momento de contemplação, falou como quem tivesse acordado de um sonho: - Vamos tomar um sorvete?

- O que tinha no congelador acabou ontem - lembrei.

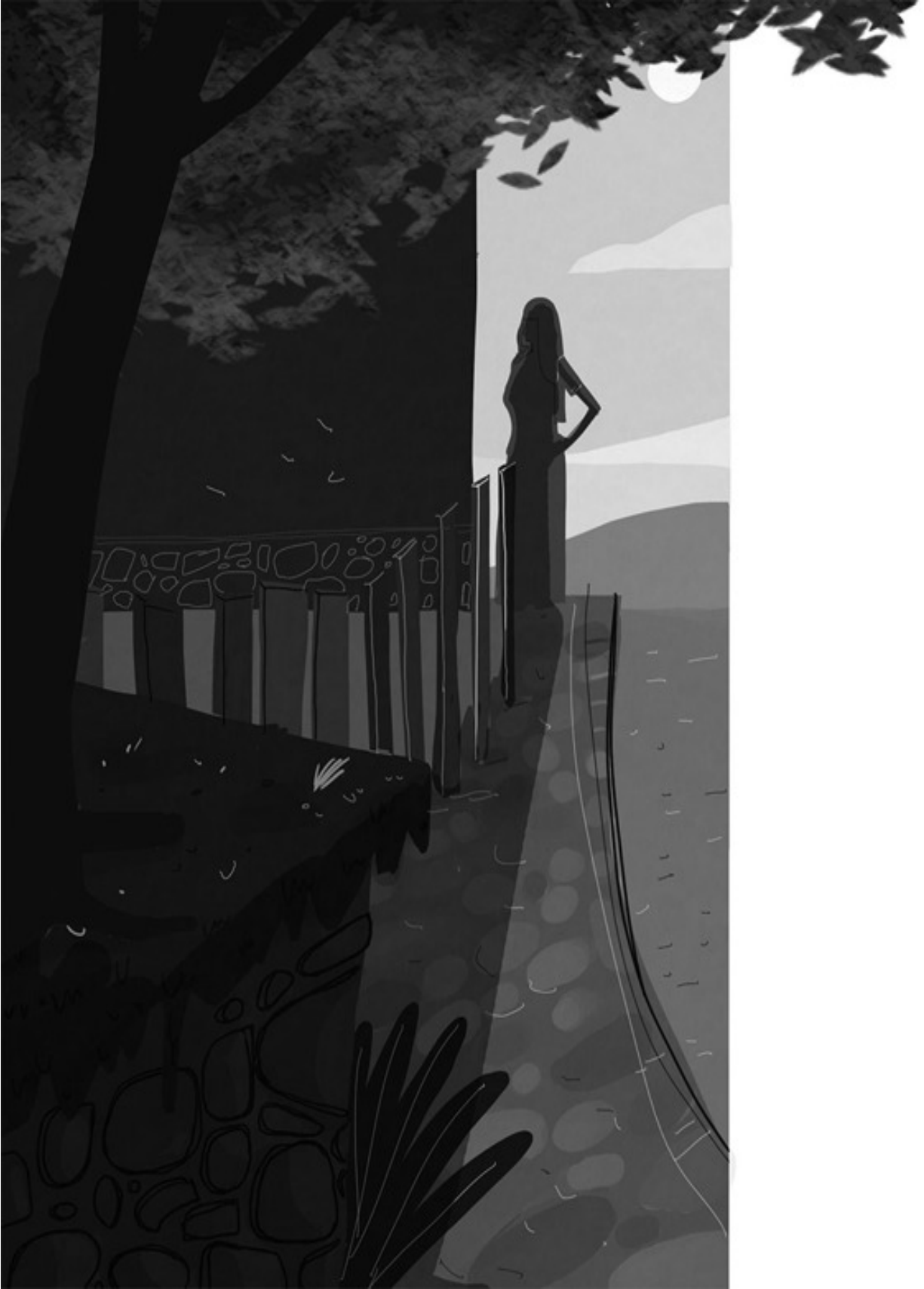
- Eu sei. Estava propondo um sorvete lá na sorveteria da pracinha. Vamos?

Foi bom demais ir até a sorveteria sozinha com a minha mãe. Fazia tempo que a gente não se divertia tanto, só nós duas. Falávamos tanta besteira. Ríamos das coisas mais banais.

Mas, quando a gente voltou, uma coisa tirou todo o brilho do rosto de dona Amália. Ela não disse uma palavra, mas percebi o quanto ficou nervosa quando viu uma mulher alta, magra, toda vestida de preto, parada em frente à casa do Hermano, do outro lado da rua.

- Tudo bem, mãe? - foi só o que eu consegui perguntar.

- Tudo. - Ela não me convenceu.



Durante os dias que separaram nossa ida à sorveteria do *vernissage* da minha mãe, ela manteve o olhar triste. Quando eu perguntava o que estava acontecendo, ela apenas respondia:

– Tensão, Nandinha, tensão.

Mas continuava não me convencendo, é claro. Por alguma razão que eu não saberia dizer qual era, tinha certeza de que o motivo da “tensão” de dona Amália estava associado àquela mulher de preto.

Curiosamente, ou por alguma dessas coincidências da vida, como diria a minha avó, o Hermano também tomou um chá de sumiço. Depois daquele dia, não apareceu aqui em casa nenhuma vez e, pelo menos que eu tenha percebido, não telefonou. Mas isso não posso garantir, porque não atendo o telefone todas as vezes, muito menos o celular da minha mãe. Entretanto, uma coisa é certa: não havia praticamente nenhuma movimentação na casa ao lado.

Até a Arlete, que já havia voltado das férias, comentou que não ainda tinha visto o patrão. Encontrou apenas um bilhete na mesa da cozinha dizendo: *Estou trabalhando no estúdio e não quero ser incomodado para NADA*. Assim mesmo, com o “nada” em letras maiúsculas.

Minha cabeça não parava de pensar naquilo. Será que a mulher de preto era a mesma que eu via no quarto da cortina verde? Será que minha mãe sabia da existência dela e fingia que não ligava? Será que o Hermano mantinha uma prisioneira naquele quarto? Uma escrava? Sei lá! Ou, pior ainda, será que, como o Herculano do José de Alencar, ele mantinha o fantasma da mulher desaparecida? Será que aquela mulher de preto era a tal da Júlia?

Num impulso, voltei ao livro para reler um pedaço que parecia descrever o que eu achava estar acontecendo à nossa volta.



Amália, sob a influência daquele estranho pavor, emudecera. O marido não se animou a quebrar esse doloroso silêncio. Depois de um instante de perplexidade, murmurou umas palavras de despedida, levantou-se e saiu do toucador.

O primeiro sentimento de Amália, depois da surpresa que lhe causara esse fato, foi a revolta contra o império que exercia a lembrança de Julieta no ânimo do marido, e a fraqueza desse homem que se deixara subjugar àquele ponto.

A mulher, ou antes a sombra que saía do seu túmulo para disputar-lhe o marido, ela a odiava. Que direito mais tinha Julieta sobre Hermano? Deus não os havia separado, levando-a deste mundo e deixando-o, a ele, livre de amar e escolher outra esposa?

Esse marido lhe pertencia agora; e ninguém lho podia roubar. Tinha-lhe jurado fidelidade; e só ela podia dar-lhe a ventura. Essas recordações que afligiam incessantemente o espírito de Hermano eram uma vingança de Julieta. Essa mulher nunca tinha amado sinceramente o esposo; pois não sabia sacrificar-lhe o egoísmo de sua afeição.

A este assomo, ou talvez delírio de sua imaginação exaltada pela ideias fantásticas do marido, sucedeu, como era natural, o desânimo, o abatimento, a prostração do corpo e do espírito.

Vergou ao jugo da fatalidade que a oprimia; e compreendeu que só havia para aquela situação insolúvel uma saída. Era a separação ¹⁶.

Meu telefone tocou.

– Nanda? – Não reconheci a voz nem o número.

– Eu.

– Aqui é o Nuno.

– Ah! Tudo bem?

– Tudo. – Ele fez uma pausa. – Quer dizer, mais ou menos.

– O que houve?

– Sabes do meu tio?

– E por que eu saberia?

- Ora, pois! Que pergunta, Nanda! Ele e tua mãe não estão a namorar?

- E?

De repente caiu a ficha. Percebi que o Hermano não estava estranho só com a gente e resolvi mudar o tom.

- Desculpe, Nuno. Ele não tem aparecido por aqui. Nem sei se tem falado com minha mãe. Aconteceu alguma coisa?

- Pois a questão é que também não sei. Tudo o que percebo é minha mãe e tio Henrique a se falarem aos cochichos pelos cantos e tenho cá pra mim que tem a ver com a primeira mulher do meu tio.

- Hum...

- E, pelo que entendi, tio Hermano não atende nem ao telefone de casa, nem o telemóvel e...

- O tele o quê?!

- Ora, o celular, como vocês chamam aqui.

- Ah! Tá.

Então, contei a ele tudo o que eu sabia. Quer dizer, o que eu achava que sabia. Falei da mulher de preto, da mulher do quarto da cortina verde, do bilhete que o Hermano havia deixado para a Arlete, e tudo o mais.

Quando eu terminei, o comentário do Nuno me surpreendeu.

- Ah! Então agora tudo está a fazer mais sentido.

- Como assim?

- Do pouco que consegui escutar das conversas de minha mãe, ouvi alguma coisa sobre a Júlia ter aparecido.

- Então a Júlia é a mulher que fica no quarto da cortina verde? - Fiquei indignada.

- Não! Estou a me referir à mulher de preto!

- E a do quarto? - insisti.

- Disso nada sei, mas podemos tentar descobrir. O que está a me preocupar agora é o silêncio do meu tio.

Então, quem ficou em silêncio fui eu.

- Nanda? Ainda estás aí?

- Nuno, posso fazer uma pergunta e você não vai rir da minha cara?

- Claro, pois!

- Você acha que seu tio se sente assombrado pelo fantasma da Júlia?

- Acho, não, Nanda. Tenho certeza.

É claro que eu sabia que, assim como o Hermano do livro, o da nossa vida era perseguido pelo fantasma de uma mulher que não teve coragem de dizer na cara dele que estava indo embora, se bem que ele não sabe disso, né? O problema é que esse fantasma estava, agora, atrapalhando a vida da minha mãe.

Depois da conversa com o Nuno, aliás, a primeira vez em que nos falamos desde o fatídico almoço de Ano-Novo, comecei a achar que a moça de preto que vimos parada do outro lado da rua era, na verdade, a tal Júlia. E, se fosse mesmo, será que tinha voltado arrependida? Será que o Hermano havia se trancado em casa, isolado do mundo com ela? Ou até mesmo ponderando a possibilidade de receber a Júlia como se nada tivesse acontecido? Se bem que, pelo que eu havia entendido até agora, ele pensava que ela tinha sido sequestrada ou coisa do gênero.

– Fernanda, vamos! Não posso chegar atrasada! – Era a minha mãe chamando para o seu grande dia.

Desci correndo e deparei com dona Amália que estava realmente muito bonita com o vestido que compramos antes do Natal e o colar que eu havia dado de presente. Só estranhei mesmo foi a chave do carro em sua mão.

– Ué, mãe, vamos no nosso carro?

Ela apenas deu um sorriso triste e foi abrindo a porta da rua.

Durante todo o caminho minha mãe não falou uma palavra. Eu, pelo contrário, não parei de falar. Disse o quanto tinha certeza de que seria um sucesso, que a galeria estaria cheia, que as peças venderiam como sorvete em dia de calor e coisas assim. Eu queria muito que ela voltasse a ficar animada como estava antes daquele fatídico dia. E tudo o que eu conseguia era arrancar dela sorrisos tímidos e tristes. Só isso.

Chegamos cedo, é claro, mas a Elvira e a tia Alzira já estavam na galeria. A Elvira, eu até entendo. Ela é a agente da minha mãe e

precisava se certificar de que tudo estava perfeito para a grande noite. Mas a tia Alzira...

- Minha irmã... - Dona Amália abriu um sorriso alegre pela primeira vez em dias. - Que bom que você está aqui!

- Eu não podia perder nem um minuto deste evento, né? - Ela riu.

- Mas ainda tá muito cedo, tia - comentei.

- Ah, Nandinha. O que eu ia ficar fazendo em casa? Esperando a hora passar? Então, quando a Elvira me ligou dizendo que estava com problemas com o carro, foi a deixa que eu precisava. - Ela piscou. - Além disso, minha irmã precisa do apoio da família, né?

- E eu?! - Fingi ficar indignada.

- Do seu apoio, mais do que de todos, Nandinha. Mas eu também quero ter o direito de tietar a minha irmã artista de sucesso, posso?

- E onde está o Henrique, Alzira? - minha mãe perguntou assim, de repente. - Ele não vinha com você?

- Ele vai chegar mais tarde. Preferi vir na frente para ficar com você antes que esteja ocupada demais dando atenção aos convidados. - Ela riu.

Ficamos ali conversando um pouco e ajudando dona Amália a dar retoques de última hora. Aliás, eu não sei o que ela tanto via de errado no posicionamento das peças. *É nervosismo, mesmo*. Elvira comentava a cada vez que ela mexia em alguma coisa.

E logo os convidados começaram a chegar. Amigos, parentes, críticos de arte, jornalistas, compradores, enfim, muita gente. Alguns ficavam mais tempo, outros não mais que quinze minutos. Falavam com a Elvira e com a minha mãe como se quisessem apenas marcar presença.

Tia Ana e tio Luiz chegaram um pouco mais tarde porque tinham ido levar as gêmeas a uma festa de aniversário. Helena, o marido e o Nuno chegaram logo depois, porque o José Antonio havia ficado preso no consulado mais tempo do que o normal. Parece que precisou resolver

algum problema sobre a visita de uma autoridade portuguesa ao nosso país.

O mais estranho mesmo é que ninguém – isso mesmo, *ninguém* – perguntou sobre o Hermano. Era como se houvesse algum tipo de pacto entre eles para preservar a minha mãe.

Não demorou muito o Nuno me puxou para um canto.

– Queres saber onde está mesmo o tio Henrique, Nanda?

– Tia Alzira disse que ele vai chegar mais tarde, só isso. Por quê?

– Ele ficou esperando vocês chegarem aqui e foi até a casa do tio Hermano.

– Fazer o quê? – Assustei-me.

– Ora faça-me um favor, Fernanda! – Nuno carregou no sotaque e na expressão portuguesa. – Não acredito que, depois de tudo, ainda me faças esse tipo de pergunta, ora pois!

– Desculpe, Nuno. – Senti meu rosto corar. – É que, do jeito que você falou, achei que tinha acontecido mais alguma coisa com o Hermano.

– Está certo. Perdoa-me. Não te preocupes comigo. Eu também estou a ficar meio nervoso com essa atitude estranha do tio. Sabes, ele sempre ia nos visitar onde quer que estivéssemos vivendo e, apesar de estar sempre a sorrir e a tirar fotografias, eu ficava com a impressão de que era um homem triste. Quero dizer, desde quando eu já tinha idade para compreender essas coisas, é claro.

Fiquei pensando uns segundos naquilo que o Nuno havia dito.

– Então o Henrique foi até lá para obrigar o irmão a falar com alguém? É isso?

– Pois... ele foi tentar, pelo menos.

Quase todo mundo já havia saído e só estavam ainda na galeria, além de mim, de minha mãe e da Elvira, a Helena, o Nuno e a tia Alzira. O José Antonio tinha recebido uma ligação e precisou correr para casa, para resolver coisas do consulado.

O celular da tia Alzira tocou. Era o Henrique. Os grandes olhos negros dela foram ficando maiores ainda à medida que ouvia o que ele

dizia do outro lado da linha.

- Já estamos indo - ela respondeu e desligou. Olhou para a irmã e simplesmente disse: - Vamos para sua casa a-go-ra! Todos nós.



Na continuação da conversa, Amália, confiada nessa tranquilidade, e querendo de uma vez acabar com a sua inquietação, perguntou ao marido de que meio se tinha lembrado para realizar a separação.

- O meio? disse ele. Só há um, Amália.

- Qual?

- A morte.

- Então, é verdade, quer matar-se? exclamou a moça com desespero, e travando das mãos do marido, como para retê-lo junto a si.

- Já sou um morto. Metade do meu ser há cinco anos desceu à sepultura. A outra metade que ficou neste mundo, para expiação de suas culpas, não teria perturbado a sua felicidade, se estivesse reunida àquela e restituída ao pó.

- Mas eu não quero que morra, Hermano! Deu-me sua vida; ela me pertence; a mim também.

- Não a podia dar, Amália! Não lhe confessei já que sou um indigno, que a enganei?

- Pois bem! Esta união é nula; não existe. Mas a culpa é toda minha: carregarei com ela. Direi a minha mãe que arrependi-me, que não tinha propensão para o casamento, que não sei fazer a felicidade de meu marido... Direi o que for preciso, contanto que viva, Hermano!

- Para que, Amália, se a amo, e não posso e não devo amá-la! respondeu o marido ¹⁷.

A Elvira não deixou minha mãe dirigir, é claro. E tia Alzira levou Helena e Nuno no carro dela. Pode parecer um pouco maluquice da minha cabeça, mas no caminho eu só conseguia me lembrar da história da Amália e do Hermano do José de Alencar, e, principalmente, de ele dizendo que era um morto por causa da paixão

pela primeira mulher. Caramba!! Esse livro foi escrito no século XIX! Eu não poderia acreditar que algo semelhante estivesse acontecendo bem na minha família, em pleno século XXI!!

- Deixa de pensar besteira, Fernanda! - disse, sem querer, em voz alta.

- O que foi, querida? - minha mãe perguntou, mas acho que nem tinha prestado atenção ao que eu tinha falado.

- Nada não, mãe. Eu só tava pensando alto. É que estou louca para ir ao banheiro - menti.

Quando chegamos, o carro da tia Alzira já estava estacionado na porta da casa do Hermano. Ela e o Nuno nos esperavam, e Helena já tinha entrado.

Minha mãe nem esperou a Elvira entrar na garagem. Aliás, nem esperou ela parar totalmente o carro. Foi logo abrindo a porta e correndo em direção à casa do vizinho. Eu tentei agir calmamente. Saí, abri o portão da garagem, aguardei a Elvira estacionar o carro e fechei.

Lá fora, Nuno estava na calçada, à minha espera. Foi então que eu percebi uma ambulância parada um pouco mais à frente.

- O que aconteceu?

- Parece que tio Henrique encontrou o tio Hermano caído no chão. Pelo que entendi, ele estava a ter um princípio de enfarto.

- Mas eu nunca ouvi ninguém comentar que ele sofresse do coração!
- Fiquei surpresa.

- Nem eu. Acho que o melhor que temos a fazer é aguardar que elas nos digam o que realmente aconteceu.

- Você não vai entrar?

- Não. - Ele balançou a cabeça. - Não creio que possamos ajudar em nada neste momento. Que tal sentarmos naquele banco lá do jardim?

Concordei. Achei que seria uma boa ideia mesmo.

- A noite está realmente muito bonita - Nuno comentou, apontando para a lua cheia.

Olhei para cima só para ser simpática com ele. Eu não estava nem um pouco interessada na lua cheia, ou nas estrelas, ou... Então dei de cara com a cortina verde voando para fora da janela do quarto que, para minha surpresa, estava com a luz acesa.

- Nuno, você alguma vez já entrou naquele quarto com a cortina verde? - perguntei apontando para a janela.

- Queres dizer, no estúdio do meu tio? - Ele riu.

- É. - Ri de volta

- Acho que nem o papa entra lá.

- Como assim?

- Admira-me muito logo tu me fazeres essa pergunta! Duvido de que a tua mãe já tenha entrado naquele quarto. Tio Hermano o mantém fechado a sete chaves. Diz que está a fazer experiências fotográficas e que não quer que ninguém tome conhecimento de nada até que ele chegue ao resultado que pretende.

- E você não tem curiosidade?

- Ora, Nanda! É claro que eu tenho, mas não vou me meter a invadir os cômodos da casa do meu tio, não é mesmo?

- Mas e a mulher que eu vi no quarto?

Ele deu de ombros. Não tinha nenhuma explicação plausível para aquilo.

Ficamos ali ainda algum tempo, enquanto os outros estavam com o Hermano. Vimos quando um carro chegou e um homem entrou pelo portão. Nuno até fez menção de se levantar para receber o visitante, mas Henrique já estava na porta, com ares de quem estava ansioso pela sua chegada. Soubemos mais tarde que era um médico cardiologista, amigo do Henrique.

De repente, o Nuno olhou para mim de um jeito muito estranho, pegou a minha mão e disse:

- Nanda, vamos lá dentro.

Não respondi nada. Apenas o segui.

Na escada encontramos Henrique e o médico. Eles pareceram nem notar a nossa presença.

– Não é nada sério – ouvimos o médico falar. – Mas ele precisa de repouso, fazer os exames que eu pedi e tomar a medicação.

– Pode deixar, Marco. Vou cuidar disso.

A porta do banheiro do segundo andar estava fechada. Olhamos para um lado: na porta do quarto do Hermano estavam Elvira e tia Alzira. Ouvimos as vozes de minha mãe e da Helena vindo lá de dentro.

Olhamos para o outro: a porta do quarto da cortina verde estava aberta. Na verdade, escancarada. Nuno, que continuava segurando a minha mão, me puxou.

Nem chegamos a entrar no quarto. Não precisava. Ficamos, simplesmente, boquiabertos com o que vimos.

O quarto não era grande. Na verdade, era mais ou menos do tamanho do meu. E até fazia sentido, já que as casas do condomínio eram bem parecidas. Uma mesinha estava virada como se tivesse sido derrubada sem querer, e havia um monte de fotos grandes espalhadas pelo chão. A julgar pela cena, imaginamos que o Hermano sentiu-se mal, tentou se apoiar na mesinha e acabou caindo no chão. Mas isso foi a nossa dedução.

No sofazinho do canto, um manequim, desses de vitrine de loja, estava com um vestido vermelho, o rosto maquiado, uma peruca de cabelos lisos e escuros e um leque apoiado na mão esquerda.

Imediatamente me lembrei do livro que tinha acabado de ler. Isso mesmo, já tinha chegado ao final do livro. Surpreendente, por sinal.



Adivinhou de que aposentos eram estas chaves e, abrindo com uma delas a porta de comunicação, passou ao toucador de Julieta. As janelas cerradas deixavam o interior em um ténue crepúsculo.

Ao dar o primeiro passo, Amália recuou, e presa de súbita vertigem caíra, se as mãos não agarrassem convulsivamente as cortinas da porta.

Instantes depois, recolhendo-se precipitadamente ao seu quarto, a moça caía de joelhos, banhada em lágrimas e murmurando:

- Louco!... Louco, meu Deus!...

Capítulo 18

Entrando no toucador de Julieta, escassamente alumiado pela claridade que filtrava entre as lâminas das rótulas, Amália tinha visto, ali sentada junto à mesa de charão, tal como lhe aparecera três meses antes, a desconhecida.

*Fora o abalo dessa visão que lhe causara a vertigem.
Tornando a si, ainda a viu no mesmo lugar, impassível. Encheu-se de indignação e adiantou-se para expulsar de sua casa aquela indigna.
Apesar do estrépito dos móveis arrastados, a desconhecida permanecia imóvel.
Amália travou-lhe do pulso, e achou-o gelado. Era então um cadáver que tinha diante dos olhos? Não; apesar do horror que a invadiu, pôde afinal conhecer a verdade.
Era uma figura de cera ¹⁸.*

– Era uma boneca! – eu disse sem me importar com o que o Nuno fosse achar da minha surpresa.

– Sim. É uma boneca. O que esperavas? Uma escrava presa neste quarto?

– Não é isso, Nuno. É que parecia tão real quando eu olhava pela minha varanda...

– Mas parece mesmo e deve ser... – ele parou a frase no meio.

– O que foi?

– Olha.

Nuno apontou uma enorme foto na parede. Uma mulher usava a mesma roupa do manequim, a mesma maquiagem, o mesmo cabelo, até o mesmo leque na mão esquerda.

– Conhece? – perguntei.

– Só de fotos. É a Júlia, a mulher do meu tio.

Eu e ele ficamos parados não sei quanto tempo. Ora olhando para o manequim reclinado no sofá, numa posição de quem descansa; ora olhando para a foto na parede. Eram idênticas!

– Seu tio já está melhor. – A voz de Helena nos tirou daquela espécie de transe.

– E? – Nuno pareceu não entender.

– Nós vamos para casa.

- Vão deixá-lo só?

- Não! - Ela sorriu. - Henrique vai passar a noite aqui cuidando do Hermano. Além disso, a Amália está aqui ao lado e...

Eu deixei de escutar o que a Helena falava quando vi minha mãe parada à porta, com o olhar tão surpreso quanto o nosso de minutos antes. Rapidamente, fui em sua direção e a abracei.

- Vai dar tudo certo, mãe. - Fingi que não tinha reparado nada do que havia no quarto.

Ela não disse uma palavra. Apenas as lágrimas corriam pelo seu rosto.

- Vamos para casa, Amália. - Era tia Alzira percebendo que precisava tirar minha mãe dali urgentemente. - Eu e a Fernanda vamos preparar um lanche.

- E um chá de limão, mãe - completei. - O seu predileto.

Ela continuou muda, deixando-se levar pela minha tia.

E, em meio a tudo isso, a Elvira, prática como é, pegou o telefone, chamou um táxi e foi embora.

Fiquei aliviada quando tia Alzira avisou que ia passar a noite na nossa casa. Eu não saberia o que fazer com a minha mãe depois de tudo aquilo. Resolvi então me fazer de invisível. Quer dizer, enquanto elas conversavam, ou melhor, tia Alzira falava e minha mãe só chorava, fui para a cozinha preparar um lanche e ferver a água para o chá.



Bem que eu tentei ouvir a conversa da minha mãe com a tia Alzira. Ou melhor, a falação da tia Alzira, mas não consegui. Ela falava muito baixinho e sempre de costas para onde eu estava, ou seja, de propósito para eu não escutar. O máximo que pude entender foi: *Pode não ser nada disso que você está imaginando. Pelo menos dê a chance de ele explicar assim que melhorar. Você gosta dele, que eu sei...* e mais nada.

Mas se, por um lado, minha tia se esforçou bastante para me deixar de fora de tudo o que acontecia, o mesmo não aconteceu com o Nuno. Então, logo de manhã, após uma noite em que quase não dormi, meu celular avisou que eu tinha recebido uma nova mensagem:

Podes encontrar-me na sorveteria ao meio-dia?

Claro!, respondi na hora.

Ainda faltavam dez minutos para o meio-dia e eu já estava na sorveteria, impaciente pela demora do Nuno, quando ouvi aquela voz conhecida.

– Olá, Nanda.

– Caramba! Por que você demorou tanto?

– Eu? Demorei? Tu é que chegaste demasiado cedo.

– Tá certo. Cheguei. Mas você tem ideia de como foi a noite lá em casa?

– Posso imaginar.

Então ele me disse que, assim que chegaram em casa, a Helena contou para ele e para o pai tudo o que havia se passado com o Hermano não apenas naquela noite, como também nos últimos dias.

– Alguns meses atrás – ele começou –, meu tio pensou ter visto a Júlia num restaurante no centro da cidade. Ele ficou muito abalado, como podes imaginar.

– Eu acho até que sei quando foi.

– Sabes?

- Deve ter sido por causa disso que ele sumiu durante um tempo.
- Provável. Só que essa história passou e o tio convenceu-se de que estava a imaginar coisas.
- E logo depois começou a sair mais seriamente com a minha mãe.
- Isso mesmo. Então, há alguns dias uma mulher extremamente parecida com a Júlia se postou em frente à casa dele.
- Eu vi. Nós estávamos voltando aqui da sorveteria.
- Pois. Ele também viu, só que da janela. O tio ficou transtornado com o fato, achando que estava a ficar completamente doido das ideias. Foi por isso que se trancou em casa e não falou com mais ninguém, não atendeu ao telefone nem ao telemóvel, não recebeu nenhuma visita, nem mesmo falou com a empregada.

Eu devia estar fazendo alguma expressão muito estranha, porque o Nuno parou de repente a história e olhou de um jeito muito sério para mim.

- O que foi? - perguntou.
- É que às vezes você fala muito rápido e fica difícil acompanhar a história.

Ele ficou sério.

- Estás a ver? Por essas e outras que não abro a boca na escola. Já arrumei muita briga aqui no Brasil por causa do meu sotaque.

Foi quando a ficha caiu.

- Então é por isso!
- Isso o quê?
- Que você se comporta daquele jeito misterioso no colégio?
- Escuta uma coisa, Fernanda, por causa de galhofas com o meu jeito de falar é que fui convidado a me retirar de duas escolas antes de ser matriculado na que estudas.
- Nuno... - Olhei bem dentro dos olhos dele. - Eu não estou fazendo pouco do seu jeito de falar. Aliás, eu só comentei porque até agora ainda não tinha percebido que essa era a causa do seu silêncio nas aulas. E tem mais uma coisa: quando eu disse que estava difícil de

acompanhar, é porque eu entendo tudo o que diz quando você fala devagar, mas agora, que você está tão agitado quanto eu com toda essa história, está falando rápido demais e eu acabo perdendo parte do que você diz, ora!

Ele baixou os olhos.

- Perdão. Acho que estou com delírio persecutório.

- Hein?!

- Com mania de perseguição. Mas deixa para lá. - E repetiu tudo o que já tinha dito, porém mais devagar para eu entender.

- E o que aconteceu ontem?

- Bem, lembra quando falei que o tio Henrique ia ver o tio Hermano? Pois, ele foi. E quando chegou lá encontrou a Júlia na porta da casa, pronta para tocar a campainha. Parece que discutiram. Pelo que contou minha mãe, o tio Henrique tinha uma carta da Júlia de muitos anos atrás e não havia dito nada ao tio Hermano.

- Ah, a carta.

- Sabes dessa carta?

- Ouvi o Henrique falando da tal carta para minha mãe uma vez. Pelo que entendi, a Júlia fugiu de casa e o seu tio não queria que o irmão ficasse deprimido com essa história.

- Pois... a questão é que o tiro saiu pela culatra. Tio Hermano ouviu a discussão na porta de casa e foi ver o que estava a acontecer. Levou um choque ao ver a mulher ali, em carne e osso, à sua frente. A Júlia tentou se explicar, mas o tio Henrique cortou-a falando toda a verdade ao irmão. Depois disso, tio Hermano subiu para o estúdio como um raio, cheio de raiva não só da esposa, como também do meu tio. Parece que tinha em mente destruir tudo aquilo que vimos, mas começou a sentir-se mal, e foi quando o tio Henrique ligou para a Alzira, que o aconselhou a chamar uma ambulância. Então chegamos, e é isso.

Eu não sou de ficar sem assunto, mas aquela história toda me deixou completamente desnorteada. Ainda ficamos um pouco na sorveteria, até que o Nuno sugeriu que voltássemos para casa. Quer dizer, que eu

voltasse para casa. Ele só iria me acompanhar até o condomínio, porque tinha combinado de encontrar a Helena na casa do Hermano.

Tia Alzira estava na cozinha tomando um café e, assim que me viu entrar, fez sinal para que eu não fizesse barulho.

- Faz uma hora que sua mãe conseguiu pegar no sono - ela sussurrou.

- Também, né, tia?

- Nandinha, senta aqui. - Ela apontou uma cadeira na mesa da copa. - Quer um chá?

- Não obrigada. Acabei de tomar sorvete.

- Acho que você precisa saber o que está acontecendo.

- Fica tranquila, tia. Eu já sei.

- Como? - Ela se assustou.

- Estava com o Nuno lá na sorveteria. Ele me contou tudo.

Levantei. Dei um beijo na testa da tia Alzira e subi para o meu quarto. Tudo no maior silêncio. Não queria ficar falando sobre aquilo. Eu não tinha nada a ver com a crise do Hermano, nem com a loucura da Júlia, que eu nem sequer conhecia. Só estava preocupada com a minha mãe.

Fechei a porta da varanda porque não queria ver o quarto da cortina verde, deitei na cama e fiquei olhando para o teto, pensando no quanto a minha mãe tinha ficado abalada com toda aquela história. E logo no dia mais importante da carreira dela de artista plástica. Senti raiva do Hermano. Senti raiva da mulher dele. Fechava os olhos e aquelas imagens do manequim e da foto na parede do estúdio pulavam na minha mente. O olhar estarrecido da minha mãe ao ver tudo aquilo pulava na minha mente também. Os olhos cheios de lágrimas. Caramba! O Hermano tinha feito minha mãe chorar!! Raiva dele. Muita raiva.

Dona Amália ainda passou uns três dias trancada no quarto, deitada na cama, com olhar perdido. Não falava com ninguém. Só dormia porque minha tia quase a obrigava a tomar uns chás naturais que tinham exatamente essa função: a de acalmar.

Tia Alzira praticamente se mudou para nossa casa. *Não posso deixar vocês sozinhas*, ela disse, assumindo todas as funções de comando da situação. Isso sem falar, é claro, da recomendação de não contar nada do que acontecera para os meus avós.

- Eles não precisam desse tipo de estresse, Nanda - ela explicou. - Eu e a Ana, com a sua ajuda, daremos conta de tudo até a Amália se recuperar do choque.

- E se ela não se recuperar, tia? - perguntei com medo da resposta.

- Ela vai, querida. Sua mãe deu a volta por cima em situação muito pior - completou tia Ana. - Quando o seu pai morreu, ela era muito jovem, tinha uma filha pequena e não ganhava nem para pagar a conta de luz. E olha só o que aconteceu? Você é quase uma adulta e ela é uma artista de sucesso.

Entendo que minhas tias falavam aquilo para me deixar mais tranquila, é claro, mas a depressão da minha mãe estava mexendo demais comigo. Às vezes, eu deitava ao seu lado na cama, passava o meu braço pelo seu ombro e ficava ali um tempão sem falar nada, apenas pedindo a Deus que ela sentisse a força do meu carinho e amor.

Não sei se foi isso, se foram os chás da tia Alzira, ou até mesmo as massagens da tia Ana. Fato é que uma bela manhã, de repente, sem mais nem menos, enquanto tomávamos café na copa, dona Amália se levantou, tomou um banho de meia hora e desceu reclamando que estava morrendo de fome. Tia Adélia correu para preparar uma omelete supercaprichada.

- Estive pensando, Nanda. Que tal fazermos uma viagem? - ela começou. - Sempre tive vontade de fazer o circuito das Missões, no Rio Grande do Sul. Vamos?

- Só nós duas? - quis saber, surpresa.

- Só nós duas - ela confirmou.

- Que ideia ótima! - tia Alzira exclamou, animada.

- Mas e a exposição, mãe? - perguntei, preocupada.

- Já fiz a minha parte, filha. Agora é com a Elvira. Ela não precisa de mim. E eu preciso muito de você e de arejar um pouco a cabeça.

- Por mim, a gente pode ir agora mesmo - brinquei.

- Então sobe e faz a sua mala, que a minha já está pronta - ela falou sério.

- Mas a gente não tem que comprar passagens, reservar hotel, essas coisas?

- Vamos de carro e nos hospedamos no hotel que tiver vaga. Simples assim.

- Mãe? Tá brincando, né? E as minhas aulas?

- Acho que nunca falei tão sério na minha vida, filhota. Quanto às aulas, você é uma boa aluna e recupera na volta.

Obedeci. E da escada ainda ouvi a tia Alzira comemorando a atitude da irmã.

Colocamos as coisas no carro. “Malas econômicas”, como recomendou dona Amália. Fechamos a casa toda com a ajuda da minha tia, que se comprometeu a cuidar das coisas enquanto estivéssemos fora. Ela já ia ligando o motor quando parou de repente. Pegou o celular. Eu gelei. Será que ia desistir agora?

- Mãe? Tudo bem? - Pausa. - Como está o papai? - Pausa. - É só pra avisar que estou indo para o Rio Grande do Sul com a Fernanda. - Pausa. - Não, mãe. Estou precisando descansar e relaxar um pouco. Sabe como é... depois do estresse todo da exposição, eu mereço, né? - Pausa. - Claro, mãe. Vou ficar com o celular ligado. - Pausa. - Pode deixar que a gente dá notícias, mãe. - Pausa. Olhou para mim. - A

Nanda tá mandando um beijo. Outro, mãe. Até a volta. – Desligou o celular e olhou para mim. – Filha, enquanto eu tiro o carro da garagem, corre até a gaveta da estante embaixo da escada e pega o carregador extra, por favor, que eu não lembro se coloquei o outro na mala. – Ela riu.

Nunca entrei e saí da casa tão rápido na minha vida. Guardei o carregador no porta-luvas e o carro começou a andar. Parti sem olhar para trás.

Foram quinze dias de estrada. Para não nos perdermos, compramos um mapa e um guia da região. Aproveitei e comprei um caderno para fazer uma espécie de diário de viagem. Fui anotando tudo o que achava interessante, colando guardanapos de restaurantes onde comíamos, cartões dos hotéis onde nos hospedávamos, até folhas de árvores que eu nunca tinha visto.

É claro que já havia feito viagens com a minha mãe, mas nenhuma foi como essa. Era como se não existisse nada no mundo além de nós duas e o compromisso de curtir cada minuto. A única conexão com a nossa realidade cotidiana foram as poucas e rápidas ligações para os meus avós.

Mas o que é bom dura pouco, como diz o ditado, e a gente precisava voltar. Eu já tinha perdido muitas aulas, e na última ligação minha avó havia passado um recado da Elvira: minha mãe estava cheia de encomendas de clientes importantes. E isso era resultado direto da exposição.

Eu até estava com saudades da minha cama, do meu chuveiro, da minha casinha, do tempero da comida da Arlete, mas me preocupava muito a ideia de dar de cara com o Hermano. Meu medo era o de que a Amália aqui de casa ficasse deprimida novamente.

Fiquei aliviada quando vi a casa do vizinho toda fechada. Parecia não ter ninguém. Na nossa, ao contrário, tudo estava aberto. Arlete fizera questão de deixar a casa cheirosa e arejada para nossa chegada.

Mal saímos do carro, minha mãe avisou:

- Arlete, por favor, faz um café pra gente daquele jeitinho que só você sabe fazer.

E parou para olhar a casa. Era como se estivesse com saudades de cada detalhe. De repente seu olhar se deteve na mesinha de centro da sala de estar. Um enorme arranjo de flores enfeitava o vaso. Um envelope azul estava apoiado entre as flores. E outros oito envelopes,

cada um de uma cor, espalhavam-se sobre a mesinha. Ela foi abrindo um por um: todos diziam a mesma coisa: *Preciso de uma chance para me explicar. Por favor, me conceda dez minutos do seu tempo.*

- Como ele sabia que chegaríamos hoje? - ela perguntou olhando para Arlete.

- Não sabia. Pelo menos, não que eu tenha contado. Simplesmente têm chegado flores todos os dias, sempre com um envelopinho. Eu só fui trocando as flores e deixando os envelopes em cima da mesinha para quando a senhora chegasse.

- Então... - Ela respirou fundo e mudou o tom. - Vamos descarregar o carro logo porque estou louca por um bom banho.

Por um segundo achei que minha mãe ia ter uma recaída, mas eu estava redondamente enganada. Tiramos a bagagem do carro e aproveitamos para dar o presente que tínhamos trazido para a Arlete: uma imensa caixa de chocolates de Gramado. Arlete é louca por chocolate. Desfizemos as malas, separando a roupa suja e guardando o restante. E, depois de cada uma tomar um superbanho e comermos alguma coisa, dona Amália se dependurou no telefone em ligações consecutivas para as irmãs, para meus avós e, é claro, para a Elvira, “só para dizer que chegamos bem”, ela comentou. Eu só não sabia que ela precisava de horas para isso.

Estava ficando tarde e nós duas estávamos muito cansadas da estrada e tudo o mais. Fomos deitar e senti como era bom dormir novamente no meu quarto, na minha cama. Tão bom que extrapolei e acordei praticamente na hora do almoço. E essa foi a grande vantagem de termos voltado para casa numa sexta-feira: ter o sábado e o domingo para me recuperar antes de voltar às aulas na segunda.

Acordei ainda com vontade de ficar deitada mais um pouquinho. Mas mesmo da cama dava para perceber que estava um dia lindo. Tomei coragem, levantei e fui até a varanda. Tentei não olhar para a janela da cortina verde, mas era quase impossível. Estava aberta e com uma cortina diferente. Branca. Ouvi vozes. Eram de minha mãe e do Hermano. Estavam no banco do jardim. Então sentei no chão da

varanda para escutar o que falavam. Sem medo de que alguém me visse.

- Não vou dizer que o que você viu não era nada daquilo que pensa, Amália, porque iria parecer fala de filme de quinta - ele dizia. - Tudo o que eu peço é uma chance de explicar.

- Estou aqui, não estou? - ela respondeu tentando não demonstrar qualquer tipo de emoção.

- Está fisicamente, Amália. Mas o que gostaria é que você estivesse realmente interessada na minha explicação.

- Explica, Hermano. Deixa eu decidir se acredito ou não, tá?

Essa é a minha mãe!, pensei.

- Decidi voltar para cá porque precisava encerrar aquela história da Júlia de uma vez por todas. Sabe, era uma situação diferente da que você viveu, porque eu não tinha a menor ideia do que tinha acontecido com a minha mulher. - Ele fez uma pausa. - Então, quando entrei no estúdio pela primeira vez e vi aquela foto na parede, lembrei-me do quanto eu gostava de fotografar com película e, nos últimos anos, só vinha fotografando em digital. Por causa da foto, decidi retomar uns experimentos que estava fazendo antes de tudo acontecer.

- E o manequim com a cara da Júlia?

- O manequim veio quando fiz umas fotos para um cliente. Era para eu jogar fora ou doar quando terminasse o trabalho, mas resolvi usar nesse trabalho mais pessoal. Bem, eu precisava de roupas para o manequim e achei algumas roupas da Júlia no fundo do armário do estúdio.

- E a peruca? Precisava ser exatamente igual ao cabelo dela? - A voz de minha mãe estava começando a ficar exaltada.

- Esse tipo de cabelo facilita muito o trabalho que estou fazendo. Só isso. - Ele ficou em silêncio alguns segundos. - Bem, quando eu vi a Júlia no centro há alguns meses, achei que estava tendo alucinações e fui procurar um especialista. Comecei a me tratar e já estava achando que tinha conseguido afastar aquela história toda da minha cabeça, até

o dia em que a vi parada aqui do outro lado da rua. E, no dia em que passei mal, o Henrique me contou que sabia de toda a verdade. – Ele respirou fundo. – Entendo que meu irmão quisesse me proteger, mas ele acabou só me fazendo mais mal ainda. Passei esses anos todos imaginando que minha mulher tinha sido sequestrada, ou assassinada, ou sei lá o que mais! Milhares de hipóteses passaram pela minha mente.

– Tudo isso eu até posso entender, Hermano, mas...

– Deixa eu terminar, Amália. Por favor.

– Está bem.

– Quando voltei para cá e nós começamos a nos aproximar, eu não imaginava que iria me apaixonar por você. Mas, para podermos ter uma chance juntos, eu precisava me livrar do fantasma da Júlia. Foi por isso que decidi vestir o manequim com aquela roupa vermelha e replicar a pose da foto da parede do estúdio. Eu achava que esse seria o meu jeito de lidar com a situação. Estava errado. Depois que me recuperei, fui me encontrar com a Júlia e tivemos uma conversa muito franca. Ela me contou tudo o que aconteceu em detalhes. É claro que questioneei o porquê de ela não ter simplesmente me dito que queria a separação. Teria sido muito mais fácil e menos doloroso para todos. A Júlia disse que não teve coragem porque nossa relação era perfeita demais. Se fosse perfeita, nada disso teria acontecido, não é? – Ele ficou mais um pouquinho em silêncio. – Então propus que, pelo menos, a gente se separasse legalmente para pôr uma pedra nesse buraco negro, e o Henrique já está cuidando disso. Descobri que estou totalmente curado da Júlia, porque não consegui sentir nem raiva dela quando, finalmente, fiquei sabendo da verdade. Agora, Amália, a única coisa que peço a você é uma segunda chance.

– Ai, Hermano... Não sei... eu preciso...

Meu celular tocou, e o toque dele não é nada discreto. Era a Tati. Eu precisava atender, porque, desde o momento em que saímos para viajar, ele estava desligado. Pela primeira vez desde que tenho celular, mantive o aparelho desligado tanto tempo. Afinal, quem não

conseguisse falar com dona Amália, certamente ligaria para mim à procura dela, e minha mãe precisava de um tempo longe de toda essa confusão. Quando liguei meu aparelhinho fiquei assustada com a quantidade de mensagens recebidas nessas duas semanas. Eram cinquenta e três, sendo quarenta e cinco só da Tati.

- Oi, Tati.

- Onde é que você se meteu?!

- Oi, amiga, é bom falar com você também! - brinquei.

- Tô tentando falar com você há duas semanas! Não aparece na escola, não atende ao telefone, a Arlete disse que vocês viajaram!! No meio das aulas? Aconteceu alguma coisa? Teu celular só dava fora de área. E...

- Calma, Tati. Tá tudo bem. Minha mãe precisava de um tempo de descanso depois de todo o estresse da exposição. Foi só isso.

- Mas e o colégio, Nanda?

- Ah, eu recupero. A gente chegou ontem e ainda estamos desfazendo malas e colocando as coisas em ordem. Amanhã a gente se encontra e te conto tudo nos detalhes, tá?

- Mas, Nanda!

- Tati, tenho que desligar. Minha mãe está chamando - menti. - Beijo e até amanhã.

Voltei correndo para a varanda, mas o banco estava vazio. E eu fiquei sem saber a resposta da minha mãe àquele pedido do Hermano.



Ela não comentou nada sobre a conversa com o Hermano, nem eu contei que tinha escutado quase tudo, menos o final, e a vida seguiu como se nada houvesse acontecido.

Na segunda, me diverti com a cara do Nuno ao me ver entrando na sala de aula. Dos recados que encontrei no meu celular quando religuei, os que não eram da Tati eram dele. O pessoal da escola ainda continuava achando aquele garoto um mistério ambulante, por isso decidi aproveitar minha notória popularidade para enturmá-lo e não deixar que ninguém se metesse a engraçadinho ou zoasse com a cara dele. Em pouco tempo o Nuno se tornou quase tão popular quanto eu no colégio. E o meu melhor amigo.

O livro do José de Alencar ainda ficou em cima da minha escrivaninha por um bom tempo. Uma história difícil de ler por causa do vocabulário, mas surpreendentemente legal. Sei que acabei mais envolvida ainda devido às inúmeras coincidências com a minha vida real, embora o Nuno achasse que tudo era fantasia da minha imaginação fértil.

Fantasia ou não, fiquei bem tranquila de a minha história de vida não envolver nenhum tipo de morte, como na escrita pelo José de Alencar. E nem casamento. Quer dizer, casamento entre Amália e Hermano, porque entre Alzira e Henrique, pasme, vai acontecer em breve. Não consigo imaginar a minha heroína-tia-independente se casando com o Henrique, principalmente depois de ouvir minha mãe dizer que ele era um solteirão convicto.

E, por falar em minha mãe, acabei sabendo pelo Nuno o que ela respondeu ao Hermano naquele sábado. Ele mesmo contou para a Helena. *Se realmente você quiser uma segunda chance comigo, vai ter que começar do zero. Vai precisar me conquistar novamente.* Tenho que reconhecer que ele está se esforçando muito. E eu até estou começando a gostar do cara estranho da casa ao lado...

A escultura que dona Amália fez para ele, pouco antes do início da exposição, agora está num canto da saleta. Outro dia perguntei a ela se daria aquela peça ao Hermano, e a resposta que tive foi:

– Na verdade, será o presente de casamento da Alzira e do Henrique, filhota. Se é para recomeçar do zero... – Ela riu, deixando no ar o fim da frase.

Mas, se a casa do Hermano não ia receber aquela escultura linda, pelo menos a nossa ganhou uma foto fantástica, resultado dos “experimentos” dele, sobrepondo revelação de película em preto e branco e em cores. Não entendi direito a técnica não, até porque acho que nunca tirei uma foto que não fosse com máquina digital ou com o celular – o que é quase a mesma coisa. Fato é que a foto emoldurada ficou muito bem no lugar do quadro da Júlia que estava pendurado na sala de estar.

Enfim, em meio a tudo isso que está acontecendo, cada vez que olho o livro do Alencar, agora de volta ao seu lugar na estante, percebo que, apesar de nossos protagonistas terem o mesmo nome, existe uma diferença básica entre as nossas histórias: na dele há um ponto-final na última página; na minha, apenas reticências...



Notas

Apresentação

* **Gautier (1811-1872)** foi escritor, poeta, jornalista e crítico literário francês, autor de histórias que exploram o sobrenatural, como “A amante morta”, que você poderá ler em *Góticos: Contos Clássicos – Vampiros, múmias, fantasmas e outros astros da literatura de terror*, publicado pela Editora Melhoramentos.

2

1. Início do primeiro capítulo do livro *Encarnação*, de José de Alencar, escrito em 1877, mas publicado apenas após a sua morte.

4

2. *Op. cit.*, capítulo 1.

5

3. *Op. cit.*, final do capítulo 2.

6

4. Instituto Médico Legal.

9

5. *Op. cit.*, capítulo 3.

10

6. *Op. cit.*, capítulo 5.

13

7. *Op. cit.*, capítulo 5.

14

8. *Op. cit.*, capítulo 6.

15

9. *Op. cit.*, capítulo 7.

10. *Op. cit.*, capítulo 8

16

11. *Op. cit.*, capítulo 10.

20

12. *Op. cit.*, capítulo 9.

22

13. *Op. cit.*, capítulo 13.

24

14. *Op. cit.*, capítulo 13.

27

15. *Op. cit.*, capítulos 13 e 14.

28

16. *Op. cit.*, capítulo 16.

30

17. *Op. cit.*, capítulo 17.

31

18. *Op. cit.*, capítulos 17 e 18.

Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

© 2013 Sandra Pina

Projeto gráfico e diagramação: Camila Sipahi

Ilustrações: Leandro Marcondes

Conversão em epub: {kolekto}

Direitos de publicação:

© 2013 Editora Melhoramentos Ltda.

1.^a edição digital, dezembro de 2013

ISBN: 978-85-06-07341-4 (digital)

ISBN: 978-85-06-05749-0 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br

